



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ERICA CABRAL DA SILVA

**O LÚDICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: suas conexões
com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica
durante a formação docente em Geografia**

**GUARABIRA/PB
2019**

ERICA CABRAL DA SILVA

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: suas conexões com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica durante a formação docente em Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Linha de Pesquisa: Metodologias do Ensino em Geografia (Ensino Fundamental e médio)

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Erica Cabral da.
O lúdico na educação de jovens e adultos [manuscrito] : suas conexões com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica durante a formação docente em Geografia / Erica Cabral da Silva. - 2019.
78 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues, Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Lúdico. 3. Estágios Supervisionados. 4. Programas. I. Título
21. ed. CDD 374

ERICA CABRAL DA SILVA

O LÚDICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: suas conexões com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica durante a formação docente em Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

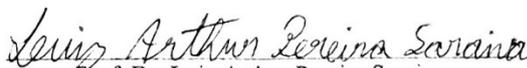
Linha de Pesquisa: Metodologias do Ensino em Geografia (Ensino Fundamental e médio)

Orientador: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues.

Aprovada em: 21/11/19 . -

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças o suficiente para prosseguir em minha caminhada a trajetória foi árdua, mas o tempo dedicado à graduação me fez colher bons frutos.

Aos meus pais Vera Lúcia Cabral de Oliveira e Eduardo José da Silva, as minhas irmãs, Elane Cabral da Silva e Elayna Cabral da Silva, as minhas sobrinhas Maria Luiza Cabral Lopes e Maria Ester Cabral do Nascimento, à minha prima Maria de Fátima Cabral Teixeira e demais familiares.

Às minhas amigas Andreza Bandeira da Silva, Ana Maria Ferreira de Andrade, Dayane Fidelis Bezerra, pelo companheirismo, amizade e apoio em todas as circunstâncias durante os cinco anos de curso, agradeço também aos amigos Adson e Edvaldo Cardoso de Oliveira Júnior pela amizade e conhecimento compartilhado que foram de suma importância durante a graduação.

Ao Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues pela paciência e ajuda nos momentos que foram precisos, pelas oportunidades e pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por toda dedicação.

A todos os professores do Curso de Geografia da UEPB, sem exceção, que dedicam seu tempo e acreditam que a educação pode transformar vidas e continuam lutando todos os dias, por uma educação melhor e mais justa para o nosso país. Em especial, agradeço ao professor Luiz Arthur Pereira Saraiva pela disposição e orientação antes e durante o período do Programa Residência Pedagógica e pelo ótimo profissional que é. E as professoras Cléoma Maria Toscano Henriques e Maria Juliana Leopoldino Vilar pelas orientações e apoio durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) a qual fui bolsista.

Agradeço a todos os professores da Educação Básica que se dispuseram a colaborar com as supervisões do estágio, residência e PIBID que compartilharam seus conhecimentos e contribuíram na minha formação enquanto graduanda.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de ser participante dos programas: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa Residência Pedagógica, que foram fundamentais em minha formação acadêmica.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário, e aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A todos estendo a minha imensa gratidão por todo aprendizado em que levarei para a vida toda.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”.

Paulo Freire

043. CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

NOME: Erica Cabral da Silva

TÍTULO: O LÚDICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: suas conexões com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica durante a formação docente em Geografia.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino e Geografia (Ensino Fundamental e Médio).

ORIENTADOR: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques

RESUMO

A Educação é moldada conforme as transformações que a sociedade passa ao longo dos anos e ela se torna reflexo nos dias atuais ao desse longo processo. Dessa forma, dialogar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é pensar como está ocorrendo o processo educacional para aqueles que almejam recomeçar e finalizar seus estudos. Pensar em alternativas de ensino que insiram os alunos e os acolha respeitando seus limites é imprescindível nesse processo de readaptação e a permanência desse público na escola. Nesse contexto, pensou-se em incluir o lúdico em algumas aulas como uma forma de contribuição para aprendizagem dos alunos. Com isto, a presente pesquisa visa analisar a importância do lúdico nas aulas de Geografia na EJA correlacionando sua relação com as experiências ocorridas durante os estágios supervisionados, e programas como o PIBID e Residência Pedagógica. Os procedimentos metodológicos foram pautados em análises de dados da Sinopse Estatística da Educação Básica, entrevistas e aplicação de questionários. O embasamento teórico foi pautado em autores e autoras como Carvalho (2002), Piconez (2002), Callai (2003), Paiva (2006), Almeida (2007), Saiki; Godoi (2007), Pires (2008), Enricone (2009), Pimenta (2014), Calado (2016), Dudzic (2016), Negreiros (2017). Houve uma boa aceitação das atividades lúdicas com os alunos, considera-se esse processo como uma possibilidade de tornar o ensino mais significativo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Lúdico. Estágios Supervisionados. Programas.

043. CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

NOME: Erica Cabral da Silva

TÍTULO: O LÚDICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: suas conexões com as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica durante a formação docente em Geografia.

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino e Geografia (Ensino Fundamental e Médio).

ORIENTADOR: Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Profª. Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques

ABSTRACT

Education is shaped according to the transformations that society undergoes over the years and it becomes a reflection in the present day through this long process. Thus, to dialogue about Youth and Adult Education (EJA) in Brazil is to think about how the educational process is taking place for those who want to restart and finish their studies. Thinking about teaching alternatives that insert students and welcome them respecting their limits is essential in this process of readaptation and the permanence of this public in school. In this context, it was thought to include the ludic in some classes as a way of contributing to students' learning. With this, the present research aims to analyze the importance of the playful in the classes of Geography in the EJA correlating its relation with the experiences occurred during the supervised internships, and programs like PIBID and Pedagogical Residency. The methodological procedures were based on data analysis of the Statistical Synopsis of Basic Education, interviews and application of questionnaires. The theoretical basis was based on authors such as Carvalho (2002), Piconez (2002), Callai (2003), Paiva (2006), Almeida (2007), Saiki; Godoi (2007), Pires (2008), Enricone (2009), Pepper (2014), Draft (2016), Dudzic (2016), Negreiros (2017). There was a good acceptance of the playful activities with the students, this process is considered as a possibility to make teaching more meaningful.

Keywords: Youth and Adult Education. Ludic. Supervised Internships. Program.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Momento de aplicação da dinâmica com balões.....	50
FIGURA 2 – Os alunos dialogando sobre a resposta da questão.....	50
FIGURA 3 – Desenho de mapa mental (Aluna 6º ano, 62 anos.).....	52
FIGURA 4 – Desenho de mapa mental (Aluno 6º ano, 48 anos).....	52
FIGURA 5 – Momento da aplicação da atividade, o jogo dos domínios com a turma de 2º ano médio.....	53
FIGURA 6 – Leitura de uma das questões para a equipe.....	54
FIGURA 7 – Explicação do conteúdo presente nas cartelas do jogo.....	55
FIGURA 8 – Momento de aplicação do Jogo da Memória.....	56
FIGURA 9 – Leitura das questões da Gincana geográfica.....	57
FIGURA 10 – Equipe X vencedora da Gincana.....	57

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Atividades lúdicas desenvolvidas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.....	47
QUADRO 2 – Caracterização das Turmas.....	48
QUADRO 3 – Perguntas realizadas na entrevista com os alunos do 2º ano.....	67
QUADRO 4 – Respostas dos alunos do 2º ano sobre a realização de atividades lúdicas nas aulas de Geografia.....	68

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Número total de matrículas da Educação Básica no país em 2018.....	22
GRÁFICO 2 – Número total de matrículas na EJA no país em 2018.....	22
GRÁFICO 3 – Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Faixa Etária, segundo o Município – 2018.....	59
GRÁFICO 4 – Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Sexo e Cor/Raça, segundo o Município – 2018.....	60
GRÁFICO 5 – Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Etapa de Ensino, segundo o Município – 2018.....	62
GRÁFICO 6 – Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Nível de Escolaridade e Formação Acadêmica, segundo o Município – 2018.....	63
GRÁFICO 7 – Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Etapa de Ensino na Cidade de Guarabira/PB – 2018.....	64
GRÁFICO 8 – Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Etapa de Ensino na Cidade de Araçagi/PB – 2018.....	64
GRÁFICO 9 – Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Sexo Feminino e sua Faixa Etária, segundo o Município – 2018.....	65
GRÁFICO 10 – Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Sexo Masculino e sua Faixa Etária, segundo o Município – 2018.....	65

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação  Docência
PRP	Programa Residência Pedagógica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	15
3 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	24
4 A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO, PIBID E PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	36
4.1 Estágio Supervisionado em Geografia e sua importância na formação docente.....	37
4.2 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).....	40
4.3 O Programa Residência Pedagógica (Prp).....	44
5. ATIVIDADES LÚDICAS DESENVOLVIDAS NA EJA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO, O PIBID E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	47
5.1 Dinâmica com Balões.....	49
5.2 Mapa Mental.....	51
5.3 Jogo dos Domínios.....	53
5.4 Jogo da Memória.....	54
5.5 Gincana Geográfica.....	56
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	59
6.1 Análises de dados da Sinopse Estatística da Educação Básica de 2018 nas cidades de Guarabira e Araçagi/PB.....	59
6.2 Relatos das Entrevistas e Questionários Aplicados com Jovens e Adultos da Escola Estadual Rodrigues de Carvalho Araçagi/PB.....	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICES.....	75
APÊNDICE A.....	76
APÊNDICE B.....	78

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma configuração de ensino peculiar da educação básica, sendo estabelecidas em duas etapas: ensino fundamental e ensino médio, que tem como propósito encarregar-se de suprir às demandas daqueles que por diversos motivos não prosseguiram no ensino regular, tendo que abandonar a escola em determinado momento de sua vida. Diante disso, a EJA é um direito, assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB 9.394.96, estabelecido no Parecer CNE/CEB Nº11/2000 e também na Resolução CNE/CEB Nº01/2000, além de ser uma das metas no Plano de Desenvolvimento da Educação para a erradicação do analfabetismo no Brasil. Esta modalidade de ensino muitas vezes é vista apenas uma redução do ensino regular comum, a qual não se há tanta apreciação, mas ultimamente ela vem ganhando uma nova forma. De acordo com Negreiros et. al (2017, p. 1),

Na atualidade, a EJA vem adquirindo, aos poucos, um novo significado, resultado dos movimentos que a interpretam como uma modalidade que não deve se reduzir à finalidade de apreensão de signos, ou como uma alternativa provisória. Hoje, o processo de ensino e aprendizagem é percebido a partir de uma análise crítica que suscita à valoração do contexto sociocultural do aluno, pois é a partir dessa perspectiva que se tornam possíveis atribuições no sentido do saber, e, conseqüentemente, a permanência desse aluno na escola.

Nota-se que a EJA possui características próprias e que devem ser exploradas para que contribua nesse processo de novas possibilidades de reconhecimento da mesma, como uma modalidade capaz de evoluir no sentido de não apenas reproduzir conteúdos, mas de também analisar criticamente os conteúdos abordados nas aulas de Geografia e outras disciplinas. Nesse contexto, é fundamental refletir sobre os procedimentos metodológicos que possibilitam a aprendizagem na EJA, sabe-se que são alunos em sua maioria trabalhadores e enfrentam durante o dia a jornada de trabalho e que seu rendimento escolar fica comprometido devido a alguns fatores como o cansaço, além das dificuldades enfrentadas pelos alunos que retornam após longo período afastado da escola em assimilar o conteúdo. Dessa forma, uma das possibilidades de ferramentas de aprendizagem é o lúdico nas aulas da disciplina de Geografia, como forma de fazer com que o aluno compreenda conteúdos geográficos através de atividades lúdicas. Para Santos (2010, p. 15),

A utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca da valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade.

Deste modo, a utilização dessas atividades podem desenvolver muitos aspectos como cita a autora, onde além de auxiliar na aprendizagem há o aprimoramento de relações, criatividade, aquisição de valores, podendo colaborar com o processo de ensino-aprendizagem. Pensar em alternativas de ensino que insiram os alunos e os acolha respeitando seus limites é imprescindível nesse processo de readaptação à escola e a permanência desse público na escola. E é dentro desse contexto que se destaca a importância da relação das instituições formadoras com a Educação Básica. As oportunidades de estágio supervisionado e programas como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e o Programa Residência Pedagógica que fortaleçam esses vínculos objetivando diminuir as lacunas ainda existentes entre a Universidade e a Escola, aprimoram as práticas dos futuros docentes, preparando-os para a realidade escolar.

Refletindo sobre a necessidade de se trabalhar algo que se obtenha um resultado mais significativo dentro dos contextos de cada turma, pensou-se em incluir o lúdico em algumas aulas como uma forma de contribuir para aprendizagem dos alunos. Neste sentido, a partir da vivência com as turmas de EJA dentro dos estágios, alguns questionamentos surgiram como: Quais os objetivos perante a esta modalidade de ensino e os desafios enfrentados pelos estudantes da EJA? Qual a importância de se trabalhar o lúdico na Educação de Jovens e Adultos? O lúdico é uma ferramenta que pode auxiliar na aprendizagem nesta modalidade? Qual a influência do estágio supervisionado e programas que visam contribuir para a valorização do magistério e o aperfeiçoamento das experiências didáticas dos discentes de Geografia nas escolas? Quais os resultados de inserção do lúdico nesta modalidade de ensino?

Com isto, a presente pesquisa visa analisar a importância do lúdico nas aulas de Geografia na Educação de Jovens e Adultos correlacionando sua relação com as experiências ocorridas durante os estágios supervisionados, o PIBID e a Residência Pedagógica. Além de refletir sobre o papel da EJA e seus desafios. Discutir sobre a inserção do lúdico nas aulas de Geografia da EJA e sobre a importância do estágio supervisionado e programas durante a formação docente. E apresentar atividades lúdicas realizadas durante esse processo, ocorridos nas seguintes escolas: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho – Guarabira/PB, Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo – Guarabira/PB e Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho – Araçagi/PB.

Para a realização da pesquisa os procedimentos metodológicos utilizados foram aspectos qualitativos e quantitativos. A presente pesquisa ocorreu nas 3 escolas acima

identificadas, locais onde decorreu as experiências de estágio supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica.

Foram realizadas análises de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), sobre a Sinopse Estatística da Educação Básica de 2018 lançada neste ano de 2019, extraindo dados educacionais das cidades Guarabira e Araçagi/PB sobre os números de matrículas de docentes e discentes da modalidade de ensino, como número de matrículas por etapas de ensino (fundamental e médio), sexo, cor/raça, a distribuição de alunos por escola das referidas cidades, idade, grau de escolaridade e relação de dados sobre o quadro de docentes atuantes na EJA.

Houve entrevistas com dois alunos de 23 e 52 anos de idade matriculados 2º ano do Ensino Médio, onde foram efetuadas questões sobre os motivos pelos quais eles abandonaram a escola, e porque retornaram para a sala de aula, entre outras questões, também foram feitas observações das turmas na disciplina de Geografia das presentes escolas, além da aplicação de questionários com os alunos da EJA sobre as atividades lúdicas aplicadas nas aulas de Geografia, para refletir sobre a opinião dos mesmos. Ao total foram envolvidas 4 turmas de ensino fundamental e médio e um total de aproximadamente 103 alunos para a elaboração da pesquisa, com idades variadas de 16 à 60 anos ou mais.

O embasamento teórico foi pautado em autores e autoras como Carvalho (2002), Piconez (2002), Callai (2003), Paiva (2006), Almeida (2007), Saiki; Godoi (2007), Pires (2008), Enricone (2009), Vilar; Henriques (2013), Almeida; Pimenta (2014), Barbosa (2014), Almeida (2015), Calado (2016), Dudzic (2016), Negreiros (2017), entre outros autores e autoras que tratam da temática.

A pesquisa esta estruturada em cinco partes: a primeira sobre a Educação de Jovens e Adultos seus objetivos, o cenário atual que se encontra a modalidade de ensino no Brasil e na Região Nordeste, a segunda discute a importância do lúdico no ensino de Geografia da EJA, a terceira busca analisar a contribuição do Estágio Supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica para a formação docente, a quarta relata as atividades lúdicas realizadas durante as experiências em sala de aula, e por fim a quinta parte traz os resultados e discussões com dados da Sinopse da Educação Básica nas cidades de Araçagi e Guarabira/PB, além de resultados de entrevistas realizadas com os alunos da EJA.

2 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação é um direito de todos sem exceção, é um processo para que o cidadão possa se desenvolver na sociedade, pois a vida escolar é uma etapa importante, considerando que é por meio dela onde ocorre algumas aprendizagens, conhecimentos necessários para sua vida pessoal, social e profissional, além da reflexão do mundo que o cerca. Nesse contexto, a Educação é moldada conforme as transformações que a sociedade passa ao longo dos anos e ela se torna reflexo nos dias atuais desse ao longo desse processo.

Dessa forma, dialogar sobre a Educação e principalmente sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é pensar como está ocorrendo o processo educacional, esta política educacional é para aqueles que almejam recomeçar e finalizar seus estudos. A EJA passou por várias dificuldades e questionamentos em sua formação, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (CNE/CEB 11/2000) podemos constatar para que se obtivesse uma visão mais ampla sobre a modalidade e que fossem realizadas de forma mais detalhada seus objetivos e prioridades houve audiências públicas em algumas cidades do Brasil no ano 2000.

Além de teleconferências para dialogar sobre a formação dos professores para a atuação na EJA, também encontros para o fortalecimento das propostas e acatar as críticas, objetivando concluir o processo de formulação de política pública de forma mais participativa. O parecer do CNE/CEB 11/2000 foi de suma importância para a caracterização e ampliação da modalidade de ensino. Anteriormente as propostas pra Jovens e adultos eram projetos voltados para a erradicação do analfabetismo. De acordo com Almeida; Corso (2015, p. 1285).

A Educação de Jovens e Adultos tem uma trajetória histórica de ações descontínuas, marcada por uma diversidade de programas, muitas vezes não caracterizada como escolarização. Com a aprovação da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, Parecer nº 11/2000, a EJA é caracterizada como modalidade da educação básica correspondente ao atendimento de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram a educação básica. Esses documentos trouxeram alterações e ampliações conceituais produzidas desde o final da década de 1980, ao usar o termo Educação de Jovens e Adultos para assinalar as ações anteriormente conhecidas como Ensino Supletivo.

Com a aprovação do parecer a EJA ganha um caráter mais escolar, porém, mesmo que se tenha pensado em ofertar uma Educação de qualidade para jovens e adultos, há muitas lacunas a serem preenchidas no ensino. Piconez (2002, p. 11) afirma que “a educação escolar de jovens e adultos é campo complexo, pois envolve outras dimensões (social, econômica,

política, cultural) relacionadas às situações de desigualdades em que se encontra grande parte da população do país. Por isso, para se falar sobre ela é necessário levar em consideração todos os contextos sejam eles sociais, históricos, entre outros de cada localidade.

Ela tem suas características próprias, desse modo é necessário de que as ações direcionadas a esta modalidade sejam correspondentes a tais especificidades, por obter um público de alunos que reingressam a escola anos depois, e que por algum motivo não conseguiram concluir seus estudos regularmente, a EJA abre novos caminhos para os alunos que buscam uma oportunidade de compensar o tempo perdido, com estas perspectivas também é notório muitos desafios como a dificuldade de compreender os conteúdos abordados em sala, problemas na escrita, leitura, interpretação, entre outros. De acordo com Piconez (2002, p. 9),

a educação de jovens e adultos no Brasil sempre foi marcada por movimentos ou iniciativas individuais de grupos, órgãos públicos e privados ou pesquisadores decididos a enfrentar o problema da existência de uma enorme população que não teve a oportunidade de frequentar a escola regular. A história desses movimentos revela descontinuidades, contradições e desafios permanentes em face das diferentes experiências e orientações de suas práticas.

A EJA voltada para aqueles que não efetivaram por algum motivo, a conclusão de seus estudos, seja ele fundamental ou médio no ensino regular e para aqueles que não tiveram oportunidade de iniciar seus estudos na idade própria, ou seja, aquelas pessoas que por alguma razão abandonaram a escola para trabalhar, dentre outros fatores que o fizeram deixar a educação em segundo plano. Dessa forma, podemos perceber que esta modalidade sempre foi marcada por desafios e diferentes propósitos, sendo uma forma de reparação social, reparos para com aqueles que não dispuseram de oportunidades que a Educação poderia lhes ofertar anteriormente. Nessa perspectiva, o (Parecer CNE/CEB 11/2000, p. 5) assevera que

a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Algumas reflexões a cerca da EJA são necessárias, sabemos que é um público alvo de jovens e adultos, pessoas que por algum momento não puderam prosseguir no ambiente escolar, mas que retornam para a escola e vê na mesma à possibilidade de obter a conclusão

de seus estudos e também de enxergar novas possibilidades para o mercado de trabalho, uma vez que com a competitividade está sendo maior e mais qualificada.

Para a conquista desta inserção novamente na escola desses jovens e adultos, muitas lutas foram travadas ao longo do tempo para que se ganhasse um espaço que é de direito, Silva; Vilella (2016, p. 1) assevera que “a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é marcada por embates políticos, momentos de ruptura e inadequação de políticas públicas e práticas pedagógicas”. Dessa forma, podemos constatar na fala dos autores que umas das principais marcas nesses embates foram também algo que não é nenhuma surpresa para todos aqueles que estão inseridos no âmbito educacional, a inadequação de políticas públicas¹ que continua apesar da obtenção de conquistas, sendo um ponto muito negativo, as políticas públicas deveriam de fato desempenhar o seu papel corretamente, o que na maioria dos casos não ocorre, principalmente no que se refere à educação.

De acordo com Dias; Matos (2012, p. 15), “as políticas públicas constituem um meio de concretização dos direitos que estão codificados nas leis de um país” com isso compreende-se que são ações previstas por lei, ou seja, neste sentido se mostra que enquanto cidadãos deste país se deve reivindicá-los. A educação precisa de políticas públicas efetivas, e a EJA se insere neste contexto, não se pode menosprezar esta modalidade de ensino, pois ela necessita principalmente de investimentos, uma vez que a educação sendo um direito de todos, deve se obter também os mesmos níveis de recursos iguais destinados a todas as etapas e modalidades de ensino.

A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passou a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento adequado (PARECER CNE/CEB 11/2000, 2000, p. 2). Desse modo, é dever do Estado ofertar o ensino para esta parcela da sociedade que tem o direito de ter acesso à educação, uma vez que ela é um direito de todos que está estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Dessa forma, sabendo que a educação nesta modalidade de ensino é diferenciada por diversos fatores influentes dentre eles pelo fato de que esse público alvo são pessoas que deixaram de frequentar a sala de aula há muito tempo ou até mesmo nunca frequentaram, são jovens e adultos que possuem uma visão de mundo já formada e, além disso, são

¹ Segundo Dias; Matos (2012, p.1) “a política pública é um conceito amplo, relacionado com o poder de modo geral, as políticas públicas correspondem a soluções específicas de como manejar os assuntos públicos”. Com isto, os problemas educacionais também estão inclusos neste contexto, pois uma política pública mal planejada e executada acarreta vários problemas para aqueles que realmente necessitam.

trabalhadores que estudam e isto também influi a qualidade de ensino nesta realidade. De acordo com Brasil (2006, p. 4),

A visão de mundo de uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastada da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos jovens e adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

Com isto, é necessária que se fortaleça a criticidade, a criatividade desses alunos, que retornaram à escola na tentativa de recuperar o tempo perdido, na busca de melhorias de vida, de concluir o ensino para ter mais chances no mercado de trabalho, inclusive enfrentando várias barreiras e desafios ao longo do ano letivo. A necessidade de se tornar cidadãos ativos por meio da educação é constante. Desse modo, Rosa (2009, p. 2) assevera que

é de suma importância que o jovem e adulto adquira uma visão de mundo mais consciente, uma percepção mais clara da realidade, enquanto sujeitos excluídos dos seus direitos, dos bens culturais e materiais produzidos pela sociedade hegemônica, para que possam refletir sobre a realidade em que estão inseridos, contribuindo para uma ação crítica na sociedade.

Na EJA, as diversidades de perfis de alunos são muitas, cada um possui a sua cultura, a sua característica própria, além da variedade de faixa etária nas salas de aula, que traz um desafio maior ao professor. A atuação do professor é fundamental nesse processo de reabilitação escolar, pois é o início de uma nova etapa de vida para esses alunos, as atividades realizadas devem ser condizentes com a realidade de vida deles. “A atuação em sala de aula é muito importante, exige do professor capacidade de expor suas concepções e faz com que o educador busque informações atualizadas revendo suas concepções iniciais” (ROSA, 2009, p. 5).

Diante disso é necessário que o professor possa planejar suas atividades com base nesses perfis, de um modo que consiga trazer a reflexão em um nível que envolva todos, ou seja, o professor deve tentar detectar a necessidade dos alunos, para assim desenvolver atividades que consigam ser proveitosas, levando em consideração o modo de vida de seus alunos e o tempo disponível para estudo. Embora a EJA tenha passado por algumas transformações ao longo da história, onde não é só apenas um meio de alfabetizar esses alunos, mas também de despertar novos olhares a cerca da modalidade de ensino, onde eles sejam capazes de criticar, de pensar, refletir, buscar soluções para as atividades propostas em sala de aula e em seu cotidiano.

Os desafios para o ensino ainda existem, como por exemplo: a dificuldade da aprendizagem dos alunos, a falta de suporte por parte do estado no desenvolvimento de cursos de capacitação para os professores, porque muitas vezes eles se deparam com outras realidades ao lecionarem na modalidade e isso implica no planejamento de atividades ocasionando por muitas vezes a infantilização do ensino na EJA, dentre outros problemas. De acordo com Carvalho (2014, p. 2),

[...] percebemos que a infantilização dos discentes é um dos grandes problemas encontrados na EJA, pois o fato desses jovens não ter cursado o Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada, faz com que muitos professores desenvolvam métodos de ensino parecidos, se não iguais aos de crianças, ainda no início da escolarização. No entanto, não podemos deixar de levar em consideração que esses discentes são adultos, providos de experiências extraescolares.

Por isto, é importante que o professor realize uma sondagem inicial e veja quais as possibilidades de atividades a serem realizadas de modo que não infantilize esse ensino, pois as faixas etárias dos alunos são diferentes e é um desafio ao professor, lidar com diversas realidades diferentes e propiciá-los em um mesmo nível de aprendizagem.

A EJA continua a ser vista como uma oportunidade para essa parcela excluída da sociedade, que são as pessoas que não tiveram muitas chances na vida, e que retornam a escola na esperança de obterem mais conhecimento, de terminarem seus estudos para que possam ter mais oportunidades de trabalho, para se qualificar, pois o mercado está cada vez mais competitivo, com isto a EJA é um meio de inserção desses indivíduos novamente na sociedade e inclusive de melhorias no mercado de trabalho. Diante disso, Paiva (2006, p. 522) reflete sobre essa questão:

Da visão ainda muito corrente de que a educação de jovens e adultos se faz para recuperar o tempo perdido daqueles que não aprenderam a ler e a escrever; passando pelo resgate da dívida social, até chegar à concepção de direito à educação para todos e do aprender por toda a vida, as enunciações variaram, deixando no imaginário social a sua marca mais forte, ligada à volta à escola, para fazer, no tempo presente, o que não foi feito no tempo da infância e da adolescência.

Portanto, esta é a visão muito frequente que nos arremete quando pensamos nos porquês e para que de se ter a modalidade de ensino. Nesse sentido, pensar numa educação para pessoas jovens e adultas também requer pensar nos saberes que foram adquiridos ao longo de sua trajetória fora da escola, esses saberes devem ser considerados para se ter um diagnóstico mais completo sobre este alunado. Cada discente carrega suas vivências e cada história de vida tem suas especificidades, o nível de conhecimento também é um elemento

importante para que o professor possa auxiliar os alunos, devido à diversidade encontrada nas salas de aula.

Desse modo, muitas vezes a EJA é vista como uma modalidade mais precária, há a ideia de aceleração, de ser algo mais básico, quando deveria ser vista como as etapas regulares da educação, no sentido de que embora haja uma necessidade de se compreender os contextos, ou seja, de cada realidade de sala de aula, ela deveria ser mais completa.

Existem muitas lacunas no ensino de jovens e adultos, principalmente porque existem razões para além da sala de aula. Dentro desse contexto Strelhow (2010, p. 49) afirma que “a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional.” Pois, anteriormente a educação era mais limitada, onde o foco principal era a leitura e a escrita, hoje o cenário difere, é preciso muito mais do que apenas ler e escrever, mas como, por exemplo: pensar, questionar, compreender a história e os fenômenos existentes no mundo.

Sabemos que a educação no Brasil em momento algum foi prioridade e por isso os problemas educacionais sempre estiveram presentes ao longo da história, embora no decorrer dos anos tenha havido alguns avanços os desafios estão longe de sua inexistência, principalmente na educação de pessoas jovens e adultas.

Diante disso, alguns questionamentos surgem: por que esses alunos retornam à escola? Muitas são as expectativas dos alunos ao ingressar novamente na escola, uma vez deixada para trás, o recomeço traz um novo vigor para a vida escolar desses alunos, novas metas são criadas por ele para conseguir atingir seu objetivo principal que é a conclusão dos estudos, de forma mais qualificada, mais proveitosa para muitos, mesmo os contextos escolares sendo totalmente diferentes, existem muitos pontos em comum como querer compensar o tempo perdido, buscar novas oportunidades, entre outros. Ainda sobre isso, Strelhow (2010, p. 50) assevera:

Um novo pensar sobre a educação de jovens e adultos traz para o âmbito escolar questões relativas ao processo histórico do aluno. Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho. Vale destacar, que outras motivações levam os jovens e adultos para a escola, por exemplo, a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz autoestima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão.

Podemos ver que estes alunos possuem um novo olhar sobre a importância da escola em suas vidas e agora não mais como uma mera obrigação, mas por uma necessidade de adquirir conhecimentos para que obtenham novas oportunidades e consigam sua realização

peçoal, porque para muitos concluir o ensino fundamental e médio é uma satisfação pessoal e de perceber que enfrentaram as barreiras e conseguiram prosseguir, mesmo tendo que estudar depois de uma jornada diária de trabalho, estar em sala de aula é necessário para que a etapa seja concluída, apesar de nem sempre o rendimento escolar ser como o esperado, mas estar presente e se esforçar para a concretização de seus objetivos é primordial no processo de aprendizagem, podemos ver que são vários os fatores que direcionam esses jovens e adultos para o âmbito escolar novamente.

Outro ponto importante de discussão é: Por que esses alunos não conseguem terminar o ensino regularmente? Dessa forma, paramos para refletir sobre esta questão, deixar a escola muitas vezes não é uma escolha satisfatória, mas uma escolha “forçada” para alguns, no sentido de que não se há escolhas, tendo em vista as particularidades da vida de cada aluno, com isto, podemos citar alguns fatores como o acesso restrito a educação, muitas pessoas abandonam precocemente os estudos, pode haver também o fracasso escolar na vida do indivíduo, as reprovações, a entrada muito precoce no mercado de trabalho, de modo geral, além de algumas privações no caso das mulheres pelos seus companheiros, pais, etc.

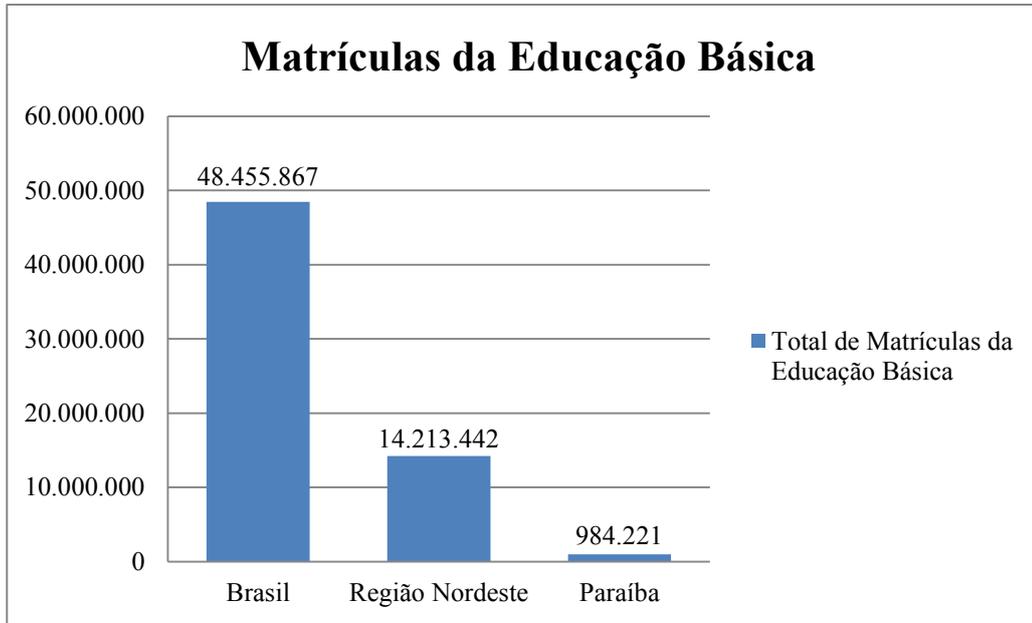
Nessa perspectiva, vemos o quanto é complexo pensar a educação de jovens e adultos sem levar em consideração esses fatores, já que faz parte do processo de construção da vida particular de cada um e que também influencia indiretamente em sua vida escolar. Dessa forma, faremos a análise de alguns dados oficiais do governo referente à modalidade de ensino, como: a Sinopse estatística da educação básica de 2018, onde a sua publicação é feita anualmente pela Diretoria de Estatísticas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), trazendo importantes dados principais dados coletados no Censo Escolar, mostrando de forma detalhada a atual situação educacional no Brasil.

A estrutura da Sinopse é composta por tabelas, organizadas por etapas e modalidades de ensino que trazem a distribuição de matrículas, docentes, escolas e turmas em todas as regiões geográficas, unidades de federação e municípios, além de dados consolidados do Brasil. Sendo, portanto, uma oportunidade referência no país no que tange à disseminação ativa de informações educacionais de forma organizada e estável longitudinalmente. (INEP, 2019, p. 2).

Para compreendermos a situação atual da Educação Básica no país, a Sinopse nos traz dados mais aprofundados, trazendo uma concepção geral e também mais detalhada dos números de matrículas do ensino público e privado, além de dados como a distribuição de docentes por escolas. Na Sinopse também há dados sobre a EJA e sua distribuição pelo país, além de dados

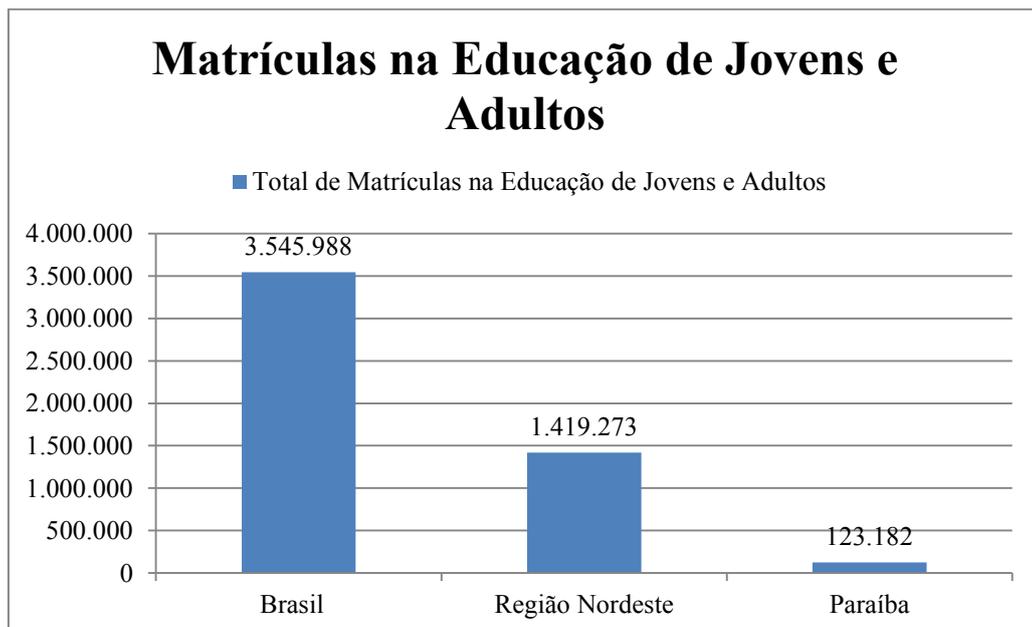
totais, há também o número de matrículas total no ensino fundamental e médio. E com base, nessas informações traremos no gráfico 1 e 2 o número total de matrículas da Educação Básica e o total de matrículas da EJA no Brasil, Região Nordeste e no Estado da Paraíba.

Gráfico 1: Número total de matrículas da Educação Básica no país em 2018.



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Gráfico 2: Número total de matrículas da Educação Básica no país em 2018.



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Podemos observar no gráfico 1 que a Região Nordeste possui 14.213.442 matrículas voltadas para Educação Básica. Sendo uma das regiões com mais estados ela possui 29,33% de matrículas quando analisamos o número total, já o estado da Paraíba surge com o total de 984.221 registros de matrículas. No gráfico 2 podemos ter uma melhor compreensão sobre a quantidade de alunos na Educação de Jovens e Adultos por País, Região e Estado.

Comparando aos dados do gráfico 1, vemos que os números da EJA ocupam uma pequena parcela dessas matrículas com 7,31% do total. Na Região Nordeste, uma das regiões onde há um índice de analfabetismo considerável, os jovens ainda tem uma pequena participação na totalidade de inscritos para estudar, representando 9,98% do total de matriculados na região, vale salientar que na Paraíba proporcionalmente, os alunos matriculados em EJA representam 12,51% dos alunos. Logo, é fundamental destacar que apesar da baixa procura para estudar as instituições escolares estão diversificando as práticas para atrair os alunos para que assim possam assegurar uma melhor qualidade de ensino no âmbito escolar.

3 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trazer para a sala de aula alternativa de ensino e aprendizagem na EJA é fundamental para a construção do conhecimento, em qualquer disciplina principalmente nas aulas de Geografia, que possui uma diversidade de temas onde é possível a utilização de vários tipos de atividades lúdicas. De acordo com Dudzic; Gemelli (2016, p. 8) “podemos pensar as atividades lúdicas na escola como um meio para melhorar e efetivar o processo de ensino e aprendizagem na Geografia, bem como, nas demais disciplinas escolares”. Além disso, a utilização de atividades lúdicas pode trazer desenvolvimento em diferentes aspectos como assevera Santos (1997, p. 12)

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. Os desenvolvimentos dos aspectos lúdicos facilitam a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior e fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

Dessa forma, trabalhar o lúdico é um meio de fazer com que os alunos aprendam de forma espontânea e prazerosa, compreendendo a importância do conteúdo abordado por meio de atividades que propiciem a ludicidade. Silva; Santos Júnior (2017, p. 495) compreendem que “o lúdico surge com o objetivo de articular o ensino dos conteúdos com a prática de metodologias que despertem nos alunos o interesse pelo estudo da matéria.” Com isto, o caráter do lúdico não significa apenas diversão ele desenvolve a aprendizagem, se tornando um facilitador desse processo do aluno em qualquer etapa de ensino e modalidades porque o lúdico não se limita à faixa etária. Sabendo que a escola é um espaço dinâmico onde há uma diversidade e complexidade de relações e ideias o lúdico trabalhado em sala de aula pode ser uma forma de ressaltar as potencialidades dos alunos, melhorar as relações em sala de aula, que podem refletir para além da escola. Segundo Dudzic; Gemelli (2016, p. 8):

O fato de a escola ser um espaço que comporta uma infinidade de sujeitos heterogêneos que aprendem de maneira diferente e com suas limitações, acentua a necessidade do uso de recursos pedagógicos que possibilitem uma exploração intensa de suas potencialidades.

Nesse contexto, ao refletirmos sobre a Educação de Jovens e Adultos percebemos que a utilização do lúdico também se faz necessário, a aplicação de atividades que busquem facilitar a aprendizagem e que motivem os alunos são primordiais, tendo em vista que algumas situações são presentes como, por exemplo, a maioria dos alunos trabalha durante o

dia e por isso muitas vezes o rendimento escolar não são tão satisfatórios pelo fato de irem para a sala de aula já cansados, outros possuem problemas de aprendizagem e o lúdico pode contribuir para uma maior assimilação do conteúdo.

De acordo com Carvalho; Santos (2014, p. 1) “a palavra lúdico é originária do latim ludus (lat), que significa jogo, divertimento. Na modalidade EJA, o lúdico deve ser aplicado levando em consideração todas as características que compõe o perfil discente”. Portanto, há uma série de fatores que necessitam ser levados em consideração na hora de planejar as atividades. De acordo com Almeida (2007, p. 54),

A ação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto, histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as ações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador da sociedade.

Com isto, vemos a importância de se pensar no lúdico como atividade além das necessidades de abordagem de conteúdo. Sabemos que existe um grande debate quando nos referimos ao Ensino de Geografia nas escolas, sobre como estão sendo abordados os conteúdos geográficos em sala de aula, muitas denominações surgem pelos alunos em relação à disciplina muitas vezes classificada como “monótonas”, “desinteressante”, porém muitas vezes o que ocorre é apenas a forma como os conteúdos estão sendo visto.

Outro ponto importante é saber como as aulas de Geografia estão sendo lecionadas principalmente quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, refletir como está esse processo de aprendizagem é importante, pois sabemos que a ciência geográfica é fundamental em nossas vidas, em nosso cotidiano. Dessa forma Calado (2016, p. 3) afirma que

o lúdico se torna uma ferramenta no processo de ensino e aprendizagem que desperta e mobiliza a participação, a vivência e envolvimento dos alunos na vida escolar. Entendemos que Educação de Jovens e Adultos, em suma, visa em uma educação multicultural que desenvolve o conhecimento e a integração na diversidade cultural, pautada na compreensão mútua e inclusiva. Percebemos aqui que o ensino deve ser diferenciado de outras modalidades de ensino existindo peculiaridade própria dos seus alunos, cabendo ao professor um olhar mais apurado para captar as necessidades e diferencial que é trazido por eles. Fomentar a comunicação e confiança com seus alunos é contribuir para a aprendizagem.

Nesse contexto, por meio do lúdico, a participação dos alunos nas atividades escolares é fundamental para que os objetivos propostos pelo docente, conseguindo abarcar a maioria desses alunos e envolvê-los para que haja uma aprendizagem. Sabemos que há vários tipos de

recursos, metodologias utilizadas pelos docentes que são primordiais na formação desses alunos e que a proposta do lúdico desenvolvida nessa pesquisa não é de forma alguma exclusividade, mas é uma forma mais dinâmica de envolver os alunos da EJA nos conteúdos da disciplina de Geografia.

As atividades lúdicas se tornam indispensáveis na EJA, o fato de elas serem trabalhadas com adultos não tira seu caráter de fortalecer a aprendizagem, embora as aplicações dessas atividades não se deem da mesma forma que em outras etapas de ensino. Ela contribui para que os educandos saiam da rotina muitas vezes de apenas leitura e escrita, o lúdico se torna um meio de aprender de forma mais descontraída, de poder resolver as questões propostas nas atividades sem ter que considerar uma imposição feita pelo professor. Como afirma Frazão (2018, p. 7), “o lúdico pode ser utilizado como uma estratégia promotora da livre expressão dos sentimentos, desprendida e espontânea”. Portanto o educando deve sentir-se instigado a participar delas por livre e espontânea vontade, pelo interesse que a atividade venha a propor. Ainda sobre isso, Frazão (2018, p. 8) assevera que

durante a atividade lúdica, o sujeito não deixa de ter suas “características de adulto”, responsável, maduro e sério, contudo, vive com alegria dando mais sentido à vida, porque na brincadeira ele se libera, liberta-se e, como resultado, estimula o pensamento e a memória. Assim, aprimora a criatividade, a sensação de prazer e estende suas emoções.

Diante disso, percebemos que não importa a faixa etária seja jovem ou adulto as atividades lúdicas podem contribuir no processo de ensino aprendizagem do educando além de possibilitar uma maior interação com os colegas em sala de aula, reaprender a brincar, também uma necessidade do alunado da EJA. O lúdico não deve ser encarado como infantilização e sim como uma atividade prazerosa, é uma forma de se relacionar com os outros e consigo. Para Custódio; Vieira (2015, p. 1), “as atividades lúdicas no ensino de Geografia pode proporcionar participação, a solidariedade, a cooperação, a análise crítica, a reflexão, a motivação e a participação em sala de aula e o respeito do aluno a si mesmo e ao outro.” Podemos ver as múltiplas ações e sensações despertadas por este tipo de atividades na vida do educando.

O desafio proposto por meio das brincadeiras e dos jogos deve servir de estímulo para que os educandos sintam se provocados a buscarem as possíveis soluções, desenvolvendo assim uma forma de aprendizagem. Além de também melhorar as relações entre professor e aluno, pois é necessário que esta relação seja harmoniosa. Para Oliveira et al (2018, p. 19), “assim, quanto mais vivências lúdicas tiverem esses alunos maiores terão as suas

participações em sala de aula, favorecendo até mesmo ao professor para que tenha um envolvimento maior com seus alunos com momentos prazerosos e descontraídos”. A ideia é que os alunos se envolvam nas atividades de modo que também aprendam a colaborar, respeitar o seu oponente durante e depois das atividades. Oliveira et al (2018, p. 21) elenca que

a especificidade da EJA exige que busquemos analisar e propor práticas educativas condizentes com a realidade socialmente excludente em que vivemos. Repensar a educação de adultos apresenta-se como um desafio para aqueles que se propõe na construção de uma educação emancipadora, que considere o ser humano em todas as suas dimensões.

Dessa forma, os jogos e brincadeiras são fundamentais nesse processo pois são ferramentas que auxiliam na dinâmica em sala de aula. Segundo Miranda (2013, p. 23), “por sua vez a dimensão educativa do jogo proporciona a aprendizagem do individuo, a construção do seu conhecimento através da experimentação e vivência lúdica”. Quando se aplica uma atividade como jogos ou brincadeiras nota-se o interesse por parte de alguns alunos em tentar atingir os objetivos e conseguir ganhar e isto gera interesse em responder corretamente as questões propostas nas atividades, no que se refere há atividades lúdicas podemos destacar algumas características. De acordo com Miranda (2013, p. 23)

a atividade lúdica é todo e qualquer movimento que tem como objetivo produzir prazer quando de sua execução, ou seja, divertir o praticante.

Em termos teríamos as seguintes características sobre elas:

- são brinquedos ou brincadeiras menos consistentes e mais livres de regras ou normas;
- são atividades que não visam à competição como objetivo principal, mas a realização de uma tarefa de forma prazerosa;
- existe sempre a presença de motivação para atingir os objetivos.

Nesse contexto, destacamos a importância dos jogos e brincadeiras nas aulas da EJA, porém não devemos pensá-los como o único meio de se trabalhar os conteúdos, mas como uma forma de também auxiliar na forma de ensino e aprendizagem dos educandos, em um mundo que está em constantes mudanças e com muita heterogeneidade pensar em alternativas de se ensinar Geografia é fator fundamental para auxiliar os alunos a compreender a ciência geográfica, por isso Custódio; Vieira (2015, p. 2) afirmam que

o uso de jogos como prática de ensino é uma ferramenta valiosa, porém não se quer aqui transformar os jogos no principal recurso em sala de aula, mas demonstrar como estes possam servir como instrumentos na intermediação do conhecimento entre os livros didáticos e a prática.

É fundamental que haja essa intermediação como aponta os autores, a utilização de recursos que dialogam com os livros didáticos, é uma alternativa para que o docente possa incluir os conteúdos que estão nos livros didáticos com o que eles vivem diariamente, essa ligação tende a estreitar as lacunas existentes nas aulas da Educação de Jovens e adultos, uma vez que eles possam resgatar elementos geográficos presentes em seu cotidiano, muitos alunos não se dão conta que os conteúdos trabalhados na disciplina de Geografia possuem relação com seu cotidiano. Por acharem que os conteúdos abordados em sala de aula estão fora de sua realidade, por isso é importante dar destaque a esta relação entre teoria e prática, entre fazer com que os alunos percebam que os conteúdos da disciplina estão sendo vivenciados em sua maioria na prática e que esta realidade não está tão longe e pode ser perceptível a partir do momento que é trabalhado em sala de aula. Dessa forma, como aponta os autores Pinheiro; Santos; Ribeiro Filho (2013, p. 25),

compreendendo os pressupostos básicos da Geografia, o aluno conseguirá estabelecer interrelações entre o conteúdo teórico presentes nos jogos e sua percepção do mundo. O ato de ler um jornal, de andar pelas ruas no trajeto casa-escola, o contato com diferentes culturas, a ação de pegar um mapa para se localizar espacialmente, de conhecer/entender as dinâmicas climáticas são formas de interação com a Geografia.

Ou seja, algumas atividades cotidianas como cita os autores, como ler um jornal, realizar trajetos, exemplificam perfeitamente como a Geografia se faz no dia a dia, e por isso diante de tantos conteúdos geográficos, a utilização de atividades lúdicas como, por exemplo, um mapa mental, um quiz geográfico, um bingo, uma gincana, entre outros tipos de atividades, podem despertar no educando a vontade de conhecer mais profundamente a temática abordada, refletir sobre a sua realidade, identificar quais os elementos geográficos estão presentes no seu contexto de vida.

Segundo os autores Pinheiro; Santos; Ribeiro Filho (2013, p. 31), “pode-se para além dessas questões, a partir do lúdico desenvolver habilidades e valores necessários para a construção de saberes que colaborem na formação de indivíduos cientes do seu papel em sociedade”. Para isso, pensar em desenvolver as habilidades e valores necessários dos educandos na EJA, é fundamental no processo de aprendizagem dos mesmos.

Abordando um pouco sobre a importância da disciplina, vemos que, para Dudzic (2016, p. 9), “a Geografia tem papel fundamental na formação de alunos críticos, participativos e atuantes na transformação da sociedade”. E através da Geografia podemos refletir inúmeros temas, como as questões ambientais, políticas, sociais, físicas, naturais, entre

outros, ou seja, ela nos permite refletir sobre diversas possibilidades. Diante do exposto, Pires (2008, p. 303) nos mostra que

segundo os PCN, a Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na leitura da espacialidade da sociedade, tendo em vista a construção de projetos individuais e coletivos que transformam os diferentes espaços em diferentes épocas, incorporando o movimento e a velocidade, os ritmos e a simultaneidade, o objetivo e o subjetivo, o econômico e o social, o cultural e o individual.

Dessa forma, buscar meios que contribuam nessa articulação do conhecimento e utilizar metodologias e recursos que auxiliem na aprendizagem dos conteúdos abordados em sala de aula, de modo mais atrativo e participativo torna-se indispensável para professores que visam dinamizar suas aulas de Geografia, encontrando no lúdico uma forma de fazer com que seus alunos estejam mais interessados na abordagem do conteúdo, pensar e desenvolver atividades lúdicas nas aulas contribui para que os alunos se envolvam de modo mais colaborativo, na perspectiva de que se assimile o conteúdo de forma natural, instigante, não apenas como um conteúdo a mais a ser “decorado” e sim que haja de fato a aprendizagem. De acordo com Galdino; Bastos (2012, p. 16),

as escolas que possuem o curso de EJA devem oferecer aos educandos a probabilidade de ampliar as competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, bem como a possibilidade de aumentar a consciência em relação à interação com o mundo, desenvolvendo a capacidade de participação social, no exercício da cidadania.

Podemos perceber que as autoras enfatizam a importância que a escola tem na vida desses educandos, não apenas no que se refere aos conteúdos escolares, mas também nas relações sociais, em seu papel na sociedade e na conscientização de seus direitos e deveres. Estar envolto em atividades que os despertem a sua autonomia, o respeito mútuo pelo outro, compreender que os conteúdos abordados ao longo do ano letivo são necessários para a vida escolar e vida pessoal são fundamentais nesse processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, de acordo com Almeida (2007, p. 20), “o lúdico, propriamente dito, é a ação, a dinâmica de como se joga ou de como se brinca. Para compreendermos essa afirmação, pensemos que a tomada de posse de um brinquedo, por si, não determina o lúdico, mas a sua ação”. Diante disso, percebemos a importância de se planejar atividades lúdicas voltadas para esta dinâmica de jogo e não apenas nos materiais em si, uma vez que o que

torna o lúdico é a forma de como as atividades são propostas, conduzidas, ou seja, a sua lógica e finalidade e ainda sobre isso para que a atividade seja considerada lúdica, existem alguns fatores que os classificam como ações lúdicas e que segundo Almeida (2007, p. 22) são:

- a) prazerosa: agradável, e esse prazer corresponde à expressão afetiva dessa assimilação;
- b) libertadora: há a libertação do “eu” por solução de compensação, ou seja, não há uma preocupação com o conflito;
- c) supermotivada: necessidade de satisfazer uma tensão, de superar limites, com desafios e ousadias; e, por fim,
- d) livre: não obedece a um princípio regulador imposto pelos adultos, acontece de acordo com as convicções e cultura dos próprios participantes.

Esses são alguns fatores apontados para o lúdico, notamos a importância de também reconhecer esses pontos relevantes para que as ações lúdicas possam ter bons resultados, o prazer, a espontaneidade, a supermotivação é fundamental neste processo e refletindo sobre as atividades lúdicas como um meio para a aprendizagem dos conteúdos geográficos, também vemos a necessidade de projetos para que se fortaleçam novas práticas de no ensino Geografia na Educação Básica.

Sabemos que muitos professores não são adeptos a novas práticas, muitos permanecem com a ideia de que a construção do processo de aprendizagem só ocorre através de “memorização”, “decoreba”, as práticas educativas se inovam cada vez mais, na busca de se obter a atenção do aluno para as questões educativas, trazer jogos, brincadeiras, ou seja, atividades que os lhe motivem a instigar mais a obtenção do conhecimento geográfico.

Sabendo que devemos levar em consideração que há uma heterogeneidade na EJA, pensar em estratégias de ensino requer também ter consciência que cada turma há suas peculiaridades, há perfis diferentes de turmas, de educandos, é necessário se atentar para essas questões que fazem toda diferença no planejamento e execução de atividades. Para Galdino; Bastos (2012, p. 19), “o educador deve conhecer a realidade de seu educando, considerando essa realidade para promover a motivação necessária à aprendizagem, abordando técnicas e metodologias eficientes para esse tipo de modalidade”. Dessa forma, o propor uma atividade lúdica nesta modalidade de ensino, o docente também deve levar em consideração as dificuldades que os alunos possuem de assimilação e escrita, a elaboração da atividade também deve corresponder ao nível da turma. Ainda sobre isso, Galdino; Bastos (2012, p. 21) asseveram que

o lúdico não pode nem deve ser usado simplesmente para passar o tempo, como se não tivesse nenhum valor pedagógico. Ao contrário, essas atividades devem envolver os alunos para o trabalho coletivo. É através das

atividades lúdicas, como jogo e brincadeiras, que o adulto poderá indagar, transformar e expressar suas vontades.

Diante disso, vemos a necessidade de se enxergar o lúdico como uma forma de aprendizagem, não é apenas buscar uma atividade sem pensar num propósito, em uma finalidade, mas planejar corretamente as etapas, traçar bem os objetivos, além de pensar em meios de facilitar o processo de aprendizagem desses educandos da educação de jovens e adultos. Segundo Oliveira (2009, p. 11), “a atividade lúdica revela-se como instrumento facilitador da aprendizagem, possuindo valor educacional intrínseco”. Desse modo, é importante que eles percebam que com o auxílio da leitura, da interpretação do jogo, varias potencialidades estão sendo trabalhadas, além de estarem aprendendo o conteúdo.

Desta forma, vincular o conteúdo com as experiências de vida dos alunos também é um fator importante para que eles possam assimilar mais claramente os assuntos vistos em sala de aula, o fato de os conteúdos expostos nos livros estarem um pouco distantes da realidade deles faz com que existam lacunas na compreensão dos temas e conseguir fazer uma ligação entre o que está posto nos livros e suas vivências, contribuem bastante para a aprendizagem deles.

Considerando que todos os educandos são capazes de aprender, de demonstrar seu ponto de vista, de expor as suas ideias, de ser capaz de terem as suas próprias tomadas de decisões, a proposta de atividades que venham a favorecer não só esses educandos dentro da sala de aula, mas também fora dela, devem ser realizadas de forma em que eles não se sintam obrigados a fazer, mas que eles possam interagir espontaneamente. Dentro desse contexto, Albring (2006, p. 5) aponta que

o método e o conteúdo não podem ser impostos ao aluno, e sim propostos como adequado às etapas do processo de autoconsciência crescente do aluno, bem como uma contribuição para a possível melhora nas condições de vida humana, ou seja, o papel do professor é orientar o educando para que este seja capaz de ler, interpretar, analisar e avaliar criticamente, não apenas os conteúdos básicos da educação, mas principalmente os fatos, informações, o dia-a-dia de sua comunidade, país e planeta.

Deste modo, pensar em propor método, conteúdos, atividades, também requer refletir sobre propostas que se adequem à realidade escolar ao qual se está inserido, porque de nada será proveitoso caso haja a execução de uma atividade que não corresponde ao nível da turma, o professor tem que analisar as possibilidades, há turmas em que a atividade seja bem executada, obtendo bons resultados e outras em que a atividade não flua como o desejado, daí a importância de se considerar todo o contexto quando tratamos da EJA.

E esse contexto também requer os conhecimentos prévios do aluno em relação ao conteúdo, novamente atentamos para essa questão, dialogar com a realidade do aluno, é sempre a melhor forma de fazê-lo ampliar a sua visão sobre os temas propostos em sala de aula. E quando se trata da Geografia, a compreensão vai muito além dos muros da escola, principalmente porque a disciplina trata de questões sociais, físicas, políticas, ambientais, históricas e traz muitas possibilidades de análises da sociedade como um todo. Segundo Pires (2008, p. 303),

no ensino de Geografia para EJA, é importante que o aluno observe, interprete e compreenda as transformações socioespaciais ocorridas em diferentes lugares e épocas e estabeleça comparações entre semelhanças e diferenças relativas às transformações socioespaciais do município, do estado e do país onde mora.

Por isso, quando falamos em trazer elementos da vivência do aluno, como uma forma de exemplificar, atentamos para uma compreensão mais completa, pois aquilo que é vivenciado, que se vê, proporciona uma concepção diferente, do que só apenas saber na teoria, fazer essas pontes entre o mundo e a localidade onde estamos inseridos é fundamental para o processo de aprendizagem do educando. Sabendo das características desta modalidade de ensino podemos perceber que o processo de ensino e aprendizagem desses alunos se torna mais difícil quando apenas se faz referência a lugares onde eles podem visualizar por fotos, trabalhar os conceitos destacando o cotidiano é primordial. Há turmas de EJA onde a maioria são jovens, outras onde existem mais adultos, e também há turmas mescladas, então já podemos perceber os diferentes contextos. Ainda sobre isso Pires (2008, p. 303) aponta que

é fundamental que, no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos de EJA, sejam valorizados os conceitos e categorias da Geografia já apropriados por eles, estabelecendo um elo com as noções dos diferentes espaços conhecidos em seu cotidiano. A partir de sua realidade, gradativamente e dialogando sobre os conhecimentos que obtiveram de modo informal com os saberes geográficos já adquiridos na escola, que esses alunos possam estabelecer ligações entre esse cotidiano e os diferentes espaços geográficos – local, regional, nacional e internacional.

Torna-se evidente essa relação entre os conteúdos que encontramos nos livros didáticos e a vida cotidiana dos educandos, para Albring (2006, p. 14) “o estudo da Geografia da EJA deve estar voltado ao local, entretanto sem esquecer o global, uma vez que, na era da globalização precisamos ser voláteis e compreender as inter-relações existentes no planeta”. Portanto, diante da afirmação da autora é necessário compreender que não se deve de forma alguma menosprezar o que estão postos nos livros didáticos, pois são conteúdos que nos

mostram realidades diferentes e que devem ser conhecidas, mas também é importante que conhecimentos locais sejam enfatizados para a melhor apreensão dos conteúdos na EJA.

Dessa forma, trabalhar o lúdico levando em consideração todos esses fatores contribui para uma melhor aprendizagem. Segundo Leal; D’avila (2013, p. 51), “as práticas lúdicas no contexto pedagógico funcionariam como recursos de formação e também de autodesenvolvimento”. Por isso, quando pensamos na inserção de atividades lúdicas no contexto da EJA, pensamos também não só na aplicação do conteúdo, mas sobre o que estas atividades podem contribuir na vida do educando.

Diante disso, dialogando em nível de estadual, a proposta curricular do estado da Paraíba lançada em 2018, nos mostra alguns princípios voltados para a Educação de Jovens e Adultos, este documento foi elaborado pelo Governo do Estado juntamente com o auxílio de vários professores das redes de educação da Paraíba, com isso, quando se trata de princípios podemos destacar alguns trechos no documento, segundo Brasil (2018, p. 522),

Alunos e professores são sujeitos históricos e do processo educativo;
 Voltar-se para a formação humana: valores, princípios morais e éticos (cooperação, solidariedade, compromisso ético-social, etc.) no processo de construção da identidade (autoestima);
 Contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo, autônomo (inclusive de autoaprendizagem contínua) e criativo;
 Valorizar os saberes dos alunos (cotidianos) e garantir o acesso e apreensão de saberes/conhecimentos técnico-científicos, sistematizados, críticos e significativos numa perspectiva interdisciplinar; Conteúdos escolares compreendidos em seu significado;

Como podemos notar, alguns itens são princípios que norteiam o currículo e também o trabalho pedagógico da EJA, os conhecimentos deles são fundamentais para que os docentes se baseiem na hora da elaboração de suas atividades, sabemos que é necessário levar em consideração todos esses pontos citados anteriormente em uma modalidade de ensino que enfrenta vários desafios tanto em sala de aula como também em seu espaço na sociedade. Nesse contexto, o professor tem um papel importante na sociedade e é muitas vezes espelho para muitos alunos, a forma como esses educandos são acolhidos faz toda diferença na relação professor-aluno.

Para Carvalho (2014, p. 2), “trabalhar o lúdico na sala de aula pode auxiliar o processo de ensino aprendizagens dos alunos. No entanto é preciso que o ensino seja construído de forma prazerosa, além de valorizar a criatividade, segurança e socialização dos educandos”. Fazer com que o aluno sintam-se valorizado e proporciona-los atividades onde eles possam interagir com os colegas, de forma prazerosa, trabalhando em grupo e, principalmente,

obtendo uma aprendizagem significativa por meio da ludicidade. Segundo Castilho; Tonus (2008, p. 2),

tratando-se da Educação de Jovens e Adultos apoiada em atividades lúdicas é muito importante que esses alunos tenham esses momentos de aprendizagem com descontração, pois embora não sendo mais criança, um dia já foram e já aprenderam muito com isso.

Considerando os problemas enfrentados no dia a dia, tornar as aulas de Geografia mais interessantes através do lúdico, pode ser uma boa sugestão ao docente, sabemos que muitas vezes com a falta de tempo, sobrecarga que o professor enfrenta em sua rotina, nem sempre pode-se realizar esses tipos de atividades com frequência, a falta de recursos para a elaboração da atividade, resulta em muitas vezes sai dos recursos próprios do docente, embora não deveria ser comum, ou seja, vários desafios permeiam a modalidade da EJA, mas é necessário pensar em alternativas para o fortalecimento do aprendizado dos educandos.

Segundo Falkembach, (p. 3, 2012), “a motivação do aprendiz acontece como consequência da abordagem pedagógica adotada que utiliza a exploração livre e o lúdico”. Por isso, podemos perceber que a realização dessas atividades são motivadoras, onde o aluno não necessita ver os conteúdos da disciplina como algo que não o instigue a buscar o conhecimento mas a própria lógica das atividades lúdicas, propiciam a vontade de se descobrir, compreender, buscar soluções para obtenção do conhecimento. Nesse contexto, o professor tem fundamental importância nesse processo de assimilação e articulação dessas atividades. De acordo com Guimarães; Rosa (2014, p.71),

O professor tem que potencializar seus estudantes, utilizando todas as formas para cativá-los. Com criatividade e recursos simples é possível garantir uma aula de Geografia interessante com condições de participação de todos os membros da comunidade escolar, em todas as suas limitações e potencialidades.

Para os autores a necessidade de o professor propiciar aos alunos possibilidades de se desenvolverem tanto em sala de aula como fora dela é um ponto importante para que eles se sintam motivados. E é neste contexto que destacamos a importância de práticas de ensino desenvolvidas nas instituições formadoras voltadas para a formação do professor, para a Educação Básica, os licenciandos precisam adquirir essas experiências de desenvolverem atividades visando proporcionar aos seus futuros alunos novas formas de envolvê-los de forma significativa nas discussões, nas reflexões, de forma espontânea, prazerosa, motivada. Dessa forma, para os professores que já atuam devem buscar a formação continuada e os

iniciantes as atividades, projetos, dentro das instituições formadoras para aperfeiçoar a sua prática. Corlett et al (2015, p. 4) colocam que

Acredita-se, também, que a formação oportuniza ao (a) professor (a) não apenas o saber em sala de aula, pois o (a) mesmo (a) precisa conhecer as questões que perpassam a educação, as várias práticas analisadas em sua perspectiva histórica, o desenvolvimento de seus (uas) alunos (as) em seus diversos aspectos (afetivo, cognitivo e social), bem como refletir criticamente seu papel diante dos (as) mesmos (as) e de toda sociedade.

Desse modo, os conhecimentos adquiridos durante a formação nas instituições e fora dela prepara o futuro docente para a atuação mais compromissada uma vez que este já possui conhecimento para desenvolver e aperfeiçoar suas práticas. Os problemas existentes em sala de aula, o contexto escolar, a articulação entre os conteúdos e a forma como proceder nas diversas situações se torna mais fácil. Nesse contexto no capítulo a seguir refletiremos sobre o Estágio Supervisionado, PIBID e Residência Pedagógica na formação docente e suas contribuições na relação Universidade–Escola.

4 A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO, PIBID E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO DOCENTE.

Neste capítulo falaremos sobre o estágio supervisionado em Geografia, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e a Residência Pedagógica, analisaremos e discutiremos sobre o seu papel, suas contribuições e como ele é importante na formação do professor de Geografia. Dessa forma, sabemos que tanto o estágio supervisionado que é uma disciplina ofertada nos cursos de licenciatura, quanto esses programas oferecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), são indispensáveis para o desenvolvimento dos estudantes em sua prática enquanto futuros professores, embora as quantidades de bolsas ofertadas não sejam muitas, o que faria com que mais licenciandos obtivessem uma formação docente mais qualificada.

Quanto ao estágio supervisionado, podemos destacar a sua relevância enquanto disciplina ofertada nos cursos de Licenciaturas mais especificadamente falaremos dela na Geografia, todos os alunos de licenciaturas obrigatoriamente tem que passar por esta disciplina, que é um ponto de partida para o conhecimento da prática na escola, as observações, os relatórios de estágio, a inserção nas aulas, regência, são processos necessários no desenvolvimento do estágio, que buscam proporcionar aos alunos das licenciaturas uma experiência que contribui em sua vida acadêmica e profissão, esse contato inicial e mesmo que em um curto tempo, traz suporte necessário para o desenvolvimento de pesquisas, desenvolvimento de ideias, projetos que venham a somar tanto para a comunidade acadêmica como para a educação básica. Segundo Scalabrin; Molinari (2013, p. 1),

o Estágio Curricular Supervisionado, indispensável na formação de docentes nos cursos de licenciatura é um processo de aprendizagem necessário a um profissional que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica, no qual os estudantes são incentivados a conhecerem espaços educativos entrando em contato com a realidade sociocultural da população e da instituição.

A participação nesses programas contribui, sem dúvidas, na preparação do futuro docente para o mercado de trabalho, adentrar a escola e envolver-se em todos os momentos escolares e buscar melhorias para a sua prática é primordial enquanto licenciando, uma vez que ao estar numa graduação mais especificadamente numa licenciatura quanto mais você for preparado, melhores serão os resultados.

E diante de tantos desafios que a educação brasileira enfrenta a elaboração de políticas públicas para educação são fundamentais para a formação docente, a valorização do magistério precisa existir, ser fortalecida. Neste sentido, o Governo Federal desenvolveu dois

programas de iniciação a Docência, o PIBID e o Residência Pedagógica. Em relação ao PIBID, Persich (2016, p. 571) afirma

Percebemos no PIBID uma possibilidade de transformação da realidade escolar dos alunos e também dos bolsistas do programa, o que permite reconhecer a escola pública como lugar fundamental para o engrandecimento do processo de qualificação docente.

Segundo, Mota et al (2018, p. 4), “o Programa Residência Pedagógica tem como objetivo aperfeiçoar, induzir, fortalecer e promover a formação adequada da prática nos cursos de licenciaturas, consolidando a relação entre Universidade e Escola”. Nesse contexto, o PIBID e o Programa Residência Pedagógica são exemplos, embora ainda haja muito que se fazer pela formação de futuros professores ela é eficaz, quando da realização destes programas educacionais como estes, de ter subsídios para que se tenha uma Licenciatura com mais oportunidades.

4.1 Estágio supervisionado em Geografia e sua importância na formação docente

O estágio supervisionado é fundamental na formação do professor, ele amplia os conhecimentos para que possamos refletir entre a relação teórica e prática, busca nos preparar para enfrentar os desafios que estão presentes nas escolas, salas de aula, e principalmente nos faz pensar em alternativas para que possamos por em prática projetos, atividades e também analisar os resultados dessa experiência, que é parte fortalecedora da formação acadêmica. De acordo com a lei n ° 11.788/2008 em seu artigo 1º

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Dessa forma, o estágio sendo um ato educativo e visando a preparação dos educando, tem como finalidade dar suporte e promover a ampliação do conhecimento escolar aos graduandos, sendo excelente oportunidade de aprimorar as discussões e depois poder socializá-los, possibilitando uma reflexão sobre a relação professor/aluno, a fim de buscar novos meios de favorecer futuras ações pedagógicas. Barbosa (2014, p. 4) “O estágio que pretende ser espaço de investigação e reflexão estabelece em primeiro lugar o diálogo entre os formandos e formadores.” Diante disso, percebemos que o estágio supervisionado de

observação e regência é fundamental na formação dos futuros professores, pois traz diversas experiências vivenciadas no âmbito escolar. Para Barbosa (2014, p. 3),

A percepção do espaço escolar, vivenciada durante os estágios, propicia aos licenciandos e professores formadores problematizarem este espaço e dialogarem, no sentido de levantar questões acerca da prática de ensino de Geografia, reveladas no contexto interno das escolas e suscitadas no contexto mais geral da sociedade.

A forma de como o licenciando está aprendendo a ser professor, a pensar como docente e também vivenciar o cotidiano da escola é um ponto de partida para que alguns questionamentos surjam e que haja a necessidade de se obter respostas. Enricone (2009, p. 121) afirma que “o modo que como os professores aprendem a ensinar começou a ser objeto de estudo e investigação sistemática nas últimas décadas”; com isto, podemos ver a importância de se falar sobre a formação docente, sobre como os professores estão adquirindo conhecimento nos cursos de licenciatura na atualidade.

Desse modo a disciplina de estágio concede novas experiências e também nos faz refletir sobre a prática docente relacionando teoria e prática. Ainda sobre isso, Enricone (2009, p. 136) ressalta que “a grande vantagem da articulação entre teoria e prática é propiciar mais segurança na atuação profissional”. A partir do momento que o licenciando adentra na escola, ele analisa o ambiente escolar, observa, planeja e põem em prática suas metodologias que foram adquiridos durante os semestres do curso de acordo com a realidade.

Dessa forma, o futuro docente fortalece esse vínculo com a sala de aula, identificando-se com a profissão. Nesse contexto, o estágio supervisionado tem papel fundamental na formação do professor de Geografia, sabe-se que muitas vezes o ensino da disciplina nas escolas se torna um pouco mais teórico, é necessário tecer esta ponte entre o real e o que é visto nos livros.

Para Callai (2003, p. 23), “é fundamental então que se consiga transformar a Geografia em algo vivo que diga respeito à vida, ao mundo real, que não sejam questões estranhas e distantes no sentido de não perceber que sejam da vida, da sociedade concreta”. Com isto, o estágio vem fomentar aquilo que já se é discutido nas salas de aulas dos cursos de licenciatura de Geografia que é o como fazer, o que fazer para que essas aulas sejam mais atrativas, para que seja regida de forma mais compreendida e como futuramente quando esses discentes forem para trabalhar efetivamente na sala de aula, possam analisar e ter mais apreensão da realidade escolar

É neste período em que o aluno da licenciatura tem a possibilidade de desenvolver, analisar, repensar, algumas práticas vistas no estágio de observação, fazer comparações entre as práticas desenvolvidas pelos docentes observados que atuam na educação básica, além de refletir sobre os resultados de sua prática quanto estagiário e fazer a interligação entre a teoria adquirida em sala de aula nos cursos de licenciatura e a prática no cotidiano escolar, sendo necessária para que se possam ocasionar reflexões do que realmente há ligação entre ambas as partes, permitindo assim a aprimorar sua formação quanto futuro docente. Segundo Saiki; Godoi (2007, p. 29),

O estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor. É o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que possibilita ao aluno a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para formar o novo profissional.

Dessa forma, o estágio funciona como um campo de pesquisa onde é possível analisar o espaço escolar, de modo que se adquiram subsídios para possíveis intervenções futuras, desenvolvendo, assim, habilidades que possam ser utilizadas em sua vida profissional, pois essas experiências vivenciadas no ambiente escolar promovem a construção do conhecimento.

O licenciando, durante o estágio, mantém um contato com a escola, como também com toda a comunidade que dela faz parte: é no estágio, somente a partir dele, que é possível entender a realidade em que vivem os alunos, professores e demais profissionais que compõem a escola, e, assim, para que se possa refletir sobre métodos e estratégias que podem contribuir para o crescimento educacional.

Essas experiências são imprescindíveis para o aluno de licenciatura, uma vez que o mesmo vai desempenhar um papel fundamental na sala de aula, ou seja, vai ministrar pela primeira vez aulas que serão avaliados pelo professor da educação básica. Neste período, os alunos têm o desafio de elaborar um planejamento, que são as atividades desenvolvidas durante o período de regência.

Segundo Carvalho (2012, p. 66), “o planejamento das atividades do estágio de regência precisa ter por meta a eficiência, para fazer com que a profissão de professor não se torne, em pleno século XXI, um conjunto de experiências aleatórias de “acerto” e “erro””. Dessa forma, a finalidade do planejamento elaborado sempre é com objetivo de diversificar e estimular as aulas de diversas formas para acrescentar ainda mais o aprendizado dos alunos, de modo que isso favoreça a qualidade das aulas.

Um dos pontos mais importantes é saber identificar a realidade da turma e dessa forma não apenas só transpor conteúdos geográficos, mas permitir o aprimoramento do conhecimento dos conteúdos por parte da turma e criar possibilidades para que sejam capazes

de torná-los cidadãos críticos, que participam ativamente do ambiente escolar e do meio social, no qual eles vivem com isto a Geografia tem um papel fundamental na formação desses cidadãos. Segundo Callai (2000, p. 93),

o conteúdo da geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor e dos interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo.

Então é necessário criar possibilidades para que esses alunos possam refletir sobre o seu cotidiano e perceberem que a Geografia está ao seu redor e que os conteúdos estão interligados com o seu dia a dia e que não existe apenas no livro didático fora de sua realidade. Diante disso, é notório que a experiência com a prática docente geram grandes expectativas, uma vez que conhecer melhor o ambiente escolar e lidar com situações comuns de sala de aula é algo primordial para o futuro docente. De acordo com Almeida; Pimenta (2014, p. 73)

durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão.

Dessa forma, o estágio supervisionado tem a função de contribuir na formação do professor de Geografia gerando mais conhecimentos para os alunos da licenciatura, além disso, também proporciona aos estagiários a oportunidade de pôr em prática métodos e teorias que até então só teriam sido vistos teoricamente. É fundamental ressaltar a importância da interação entre o professor e o aluno numa sala de aula possibilitando a aquisição de conhecimentos necessários para uma boa formação e rendimento escolar dos discentes, uma vez que eles se sentem mais motivados quando têm a real certeza que também fazem parte dessa transformação social e escolar.

4.2 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)

O PIBID é uma política pública que visa contribuir para a valorização da formação docente e melhorar a relação universidade-escola, proporcionando aos discentes o contato com a escola em seus primeiros anos da graduação que é do 1º ao 5º período. A inserção do discente nas escolas por meio do programa visa colaborar para que haja um estímulo nas

atividades acadêmicas, em sua formação, além da possibilidade de reflexão de sua prática. De acordo com a CAPES (2008),

O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas.

Dessa forma, essa aproximação com a escola é fundamental, sabemos que existem os estágios supervisionados nos cursos de licenciaturas, mas estamos falando sobre as oportunidades de aperfeiçoamento e experiências adquiridas durante a vigência de programas como o PIBID na formação docente, as relações estabelecidas com a escola, com os supervisores, com os alunos é uma construção enriquecedora, que faz toda a diferença na formação enquanto futuro professor há uma maior preparação do discente/bolsista. Em relação aos objetivos do programa, são importantes para que possamos compreender a proposta, na Portaria nº 096, de 18 de julho de 2013, em seu artigo 4º. São objetivos do PIBID:

- I – incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- II – contribuir para a valorização do magistério;
- III – elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV – inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- V – incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;
- VI – contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura;
- VII – contribuir para que os estudantes de licenciatura se insiram na cultura escolar do magistério, por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente.

Observa-se quanto aos objetivos, uma das preocupações é incentivar os futuros docentes para lecionarem na Educação Básica, este é um ponto interessante, pois a Educação Básica precisa de mais docentes, de trazer mais oportunidades para que haja uma maior valorização dos docentes tanto os que estão em formação, quanto os que já possuem vários anos de carreira. Falar sobre a integração entre a Universidade e a Escola também é fundamental, quanto mais próximo a interação entre os futuros docentes com os discentes das

escolas, maior será as chances de se ampliar as discussões entre teoria e prática, além de se buscar soluções e reflexão para as lacunas existentes tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. Diante disso, Vilar; Henriques (2013, p. 163) asseveram que

nas instituições de formação docente o papel da teoria é oferecer instrumentos para análise e investigação que permitam questionar as práticas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento. Assim, favorece a formação de um profissional reflexivo, pois são capazes de produzir conhecimento. O papel da prática é proporcionar ao educando uma aproximação à realidade na qual atuará, tendo que articular o saber geográfico e sua significação social. Isso implica que os graduandos devem estar durante toda a sua formação voltada para as necessidades e as possibilidades de se utilizar o conhecimento construído na academia nas salas de aula da educação básica.

Estabelecer esta relação teórica e prática tanto na Universidade quanto na Educação Básica é fundamental para o discente, pois sabemos que teoria e prática são indissociáveis, analisar e questionar como citam as autoras é necessário para que se possa refletir sobre o papel enquanto educador, enquanto futuro docente. Quanto à prática o discente precisa articular os conteúdos propostos com a realidade, saber como proceder ao ser inserido nas escolas e identificar os problemas existentes na realidade escolar para que refletindo sobre as questões expostas, pensar em alternativas para tentar amenizar os contratempos existentes nas salas de aulas da Educação Básica. Portanto, segundo Albino; Maganha (2014, p. 104),

O Pibid objetiva introduzir o licenciando no espaço escolar, para que ele possa compreender seu cotidiano e aprender a lidar com outras situações além da sala de aula, desenvolvendo projetos de caráter inovador, aprofundando e valorizando a articulação dos diferentes níveis, com vistas a uma visão global, conjunta e que contemple toda complexidade desta conquista.

Dessa forma, em meio a tanta desvalorização em relação à Educação em nosso país, a obtenção de programas como este é um passo a frente, estas oportunidades dinamizam o ambiente escolar, instigam os discentes para quererem executar ações que beneficiem a escola, a Universidade, traz para a formação docente novas chances de tentar, de dialogar com os problemas da escola, do que se pode fazer para melhorar a educação no local onde ele está inserido, as ações e participações dos “pibidianos” nas escolas, nos espaços acadêmicos, em eventos, as produções acadêmicas são fundamentais para fazer com que os objetivos pré-estabelecidos sejam concretizados.

Muitas oportunidades podem ser atraídas, as chances de discentes que puderam ter a experiência de participar de projetos e programas que venham aperfeiçoar a sua graduação é necessária para o currículo, uma vez que o mercado de trabalho está mais competitivo nesta

área. Por isso é necessário que hajam mais programas para os futuros docentes, para que eles possam obter contato com a escola em seus anos iniciais para que possam amadurecer as suas ideias e correlacionar a teoria e prática, e também em anos finais, o progresso dos discentes é parte fundamental.

Quando falamos nesse progresso também destacamos que infelizmente nem todos os discentes tem a oportunidade de estar inserido nestes programas, e com isto, desde sempre algumas indagações surgem quando nos referimos às dificuldades que eles encontram em seus primeiros contatos com as escolas, Nascimento; Maquêa (2018, p. 68) afirmam que

Muitos acadêmicos reclamam que quando vão para a escola, principalmente no período do estágio, se deparam com uma realidade que parece impossível aplicar o que discutem na universidade e logo que se formam assumem sala e aula, mesmo que não se sintam satisfeitos com sua profissão e assumem, mesmo num cenário desafiador, como sua profissão permanente. Afirmam também que os primeiros anos de profissão, devido à falta de experiência e familiaridade com o ambiente escolar enfrentam muitos desafios, pois, são muitas atividades postas aos professores iniciantes, logo no início de sua carreira dificultando-os à uma reflexão mais crítica de sua própria prática.

Se pararmos para refletir, sabemos que o estágio supervisionado é indispensável na formação acadêmica do professor, mas o que estamos colocando em pauta é que os programas que oferecem maiores oportunidades devido ao discente estar na escola durante todo o ano letivo, não há fragmentação como ocorre nos estágios em que o mesmo conclui suas atividades por níveis de ensino, em menor tempo. O auxílio financeiro que o programa oferece para que custear as despesas, é necessário para que o bolsista possa custear seus gastos seja em relação a transporte, para alguma atividade que às vezes é preciso levar algo a mais que não tenha disponibilidade na escola e também para o custeio de eventos, entre outras despesas. Nesse contexto, a Capes oferta 4 modalidades de bolsas para os participantes do PIBID.

1. **Iniciação à docência** – para discentes de licenciatura dos cursos abrangidos pelo subprojeto.
2. **Professor supervisor** – para professores de escolas públicas de educação básica que acompanham, no mínimo, oito e, no máximo, dez discentes.
3. **Coordenador de área** – para docentes da licenciatura que coordenam os núcleos, formados por grupos de 24 a 30 discentes.
4. **Coordenação institucional** – para o docente da licenciatura que coordena o projeto institucional de iniciação à docência na IES. Permitida a concessão de uma bolsa por projeto institucional (CAPES, 2008).

As bolsas concedidas pela CAPES nas quatro modalidades nos fazem refletir sobre o alcance do programa, envolvendo não apenas os discentes, mas também professores da

Educação Básica e professores das Instituições formadoras, havendo uma interação entre a Universidade e a Educação Básica, podendo contribuir para que os problemas existentes na prática obtenham maior suporte juntando a experiência de professores que estão há anos convivendo com a realidade das Licenciaturas, na Escolas, e principalmente oportunizando aos discentes a busca de tornar a sua graduação mais qualificada.

4.3 O Programa Residência Pedagógica (PRP)

O Programa Residência Pedagógica (PRP), assim como o PIBID, é uma forma de incentivar a formação inicial e continuada dos professores e de valorizar a formação docente. A vivência na escola campo busca fazer com que os conhecimentos teóricos adquiridos na Universidade possam se unir com o conhecimento prático nas escolas. Buscando a inserção do discente a partir do 5º período do curso. A Residência Pedagógica é uma forma de aprimorar habilidades e competências que precisam ser adquiridas ao longo da formação docente para que o discente obtenha conhecimento suficiente e se prepare para sua vida profissional. De acordo com a CAPES (2018),

A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõem a Política Nacional tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica.

Desse modo, buscando promover esse ensino de qualidade para que os futuros professores possam se formar e tenham mais qualidade em sua prática, criar formas de fortalecer a formação, proporcionar a articulação com a prática. Para Mota et al (2018, p. 4), “o Programa Residência Pedagógica tem como objetivo aperfeiçoar, induzir, fortalecer e promover a formação adequada da prática nos cursos de licenciaturas, consolidando a relação entre Universidade e Escola”.

O programa também permite que o discente adquira mais segurança no ingresso da profissão, superação de dificuldades, pois quando o discente vai para a sala de aula apenas com o suporte teórico e não tem experiência na prática alguns sentimentos como insegurança, medo podem atrapalhar o desenvolvimento ao adentrar a sala de aula, é fundamental que ele saiba se portar durante as aulas e, além disso, podemos destacar o aprendizado, a troca de conhecimentos entre residente e preceptor. Nesse contexto, os objetivos do Programa Residência Pedagógica CAPES (2018, p. 1) são:

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os objetivos nos mostram que aperfeiçoar a formação, como já visto anteriormente, a coleta de informações, diagnóstico, além de metodológicas e didáticas são fundamentais para que se obtenha uma maior visualização do cenário atual da educação em algumas escolas onde o programa foi implementado. Outro ponto se refere a reformulações quanto ao estágio supervisionado, onde podemos destacar a importância da Residência pedagógica quanto ao estágio. Nesse contexto, Mota et al (2018, p. 6) asseveram que

o programa também auxilia ao discente nos seus respectivos estágios, pois é formada por duas fases, a primeira em observar o ambiente escolar em sala de aula juntamente com o professor da escola e o docente da instituição formadora e a segunda na prática da regência. São nessas fases que se adquirem as devidas noções para complementar o conhecimento prático dos licenciandos.

Dessa forma, possibilitando as reflexões sobre quais caminhos precisam ser seguidos ou aperfeiçoados. Quanto à adequação dos currículos, podemos perceber que um dos objetivos do programa é fixar as propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim como o PIBID, a Residência Pedagógica também oferece bolsas para os residentes, para que eles possam utilizar os recursos para o custeio de despesas referentes ao programa, dessa forma, segundo a CAPES (2018), as modalidades de bolsas concedidas são:

1. Residente: para discentes com matrícula ativa em curso de licenciatura que tenham cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período;
2. Coordenador Institucional: para docente da IES responsável pelo projeto institucional de Residência Pedagógica;
3. Docente Orientador: para o docente que orientará o estágio dos residentes estabelecendo a relação entre teoria e prática;
4. Preceptor: para o professor da escola de educação básica que acompanhará os residentes na escola-campo.

Embora o objetivo principal não seja a obtenção de adquirir a bolsa, mas a experiência que possibilitará o discente concluir a Licenciatura com uma carga maior de conhecimento, as bolsas são importantes, pois muitos alunos necessitam dos auxílios financeiros do programa, principalmente para o seu deslocamento, como o Programa Residência Pedagógica também se estende a cidades circunvizinhas sem o auxílio das bolsas concedidas pela CAPES, o discente teria que custear seus gastos e tendo em vista que muitos não possuem trabalho fixo, o deslocamento e com os custos para muitos se tornaria inviável a inserção no projeto.

Nesse contexto, muito se discute sobre as lacunas existentes na educação, sabemos que estamos longe de conseguir se obter uma educação básica com qualidade alta, há muitos desafios presentes nas escolas, nas salas de aula, nas instituições formadoras, e diante disso, as propostas de programas que busquem incentivar os discentes e docentes a promover alternativas para melhorias no ensino é fundamental e precisa de mais visibilidade, as ações do Programa Residência pedagógica nas escolas, promovem a interação entre os alunos com os residentes que é um ponto positivo pois é importante que os alunos sejam também ouvidos, uma vez que as atividades e projetos desenvolvidos na escola sejam voltados para as necessidades desses educandos. Para Pannuti (2015, p. 8436):

A inserção dos acadêmicos no cotidiano da escola possibilita vivências em situações nas quais os professores utilizam os conhecimentos sobre o conteúdo a ser ensinado, os princípios gerais de ensino e de aprendizagem, além da didática, representando uma oportunidade para aprender a ensinar, integrando as dimensões teórica e prática.

Assim, percebemos a importância que os professores da Educação Básica também possuem nesse processo de formação docente dos residentes, pois são por meio deles como preceptores, auxiliando e avaliando os residentes que buscam corrigir e aperfeiçoar a prática dos discentes, por meio de análises e observações durante as aulas lecionadas na escola. Portanto, cada profissional da Educação é parte importante nesse processo de avanços educacionais, é a figura do professor que faz toda a diferença e é capaz de transformar a realidade que vivemos em sala de aula, mesmo com tantas limitações e obstáculos existentes na Educação Básica, o professor que está sempre em busca de soluções para que sua prática seja mais produtiva se torna espelho para os futuros docentes, por mais que haja desafios nas Escolas e Instituições formadoras são fundamentais que se busquem meios de estreitar os laços e tentar propor projetos e atividades para possíveis soluções de problemas existentes na prática.

5 ATIVIDADES LÚDICAS DESENVOLVIDAS NA EJA DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO, O PIBID E O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.

Neste capítulo serão apresentadas cinco atividades lúdicas desenvolvidas durante o período de estágio supervisionado em Geografia, PIBID e Residência, onde podemos destacar atividades como a Dinâmica com Balões, Mapa mental, Jogo dos domínios, Jogo da Memória e a Gincana Geográfica com a utilização de tabuleiros. Elas foram realizadas com base nos conteúdos que estavam sendo vistos em sala de aula, Meio Ambiente, Espaço Geográfico e Domínios Morfoclimáticos do Brasil, umas foram desenvolvidas depois de o conteúdo ser abordado funcionando como uma atividade de revisão e outra como, por exemplo, o Jogo da Memória que foi para iniciar a temática. Como veremos no quadro 1:

Quadro 1: Atividades lúdicas desenvolvidas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Estágios e Programas/Ano	Escola	Turmas	Atividade	Objetivos
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (2016)	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho-Guarabira/PB.	1º ano e 2º ano - Médio	Dinâmica com Balões	Identificar os conhecimentos dos alunos sobre o meio ambiente e sustentabilidade
Estágio Supervisionado em Geografia II e III(2018)	Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo - Guarabira/PB.	6º ano - Fundamental	Mapa mental	Produzir um mapa mental representando o seu local de vivência, fazendo a representação do seu espaço geográfico e destacando os lugares que fazem parte do seu cotidiano
		3º ano- Médio	Jogo dos domínios	Verificar a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo, domínios morfoclimáticos do Brasil.
Programa Residência Pedagógica (2019)	Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho-Araçagi//PB.	2º ano- Médio	Jogo da Memória	Apresentar o conteúdo domínios morfoclimáticos do Brasil, desenvolver interpretação, leitura, atenção e interação com os colegas
			Gincana Geográfica	Revisar o conteúdo sobre a Região Nordeste

Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

O quadro nos mostra as atividades lúdicas realizadas nos períodos de estágio supervisionados e programas de docência, onde possibilitaram a execução de diversas

atividades, neste trabalho foram selecionadas 5 atividades para abordar na presente pesquisa e nesse contexto, elas foram aplicadas em turmas de fundamental e médio da modalidade de ensino, no 1º e 2º ano que ocorreu durante o PIBID na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho – Guarabira/PB, no ano de 2016, 6º ano e 3º ano durante o período de Estágio Supervisionado em Geografia II e III na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo – Guarabira/PB em 2018 e nas turmas de 2º ano na vigência do Programa Residência Pedagógica na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho– Araçagi/PB no ano de 2019.

Quadro 2: Caracterização das Turmas.

Escola	Ciclos	Quantidade de alunos
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho – Guarabira/PB	V e VI	Aproximadamente 30 alunos por turmas
Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo – Guarabira/PB	III	23 alunos
Escola Estadual de Ensino Fundamental Rodrigues de Carvalho-Araçagi/PB	A	20 alunos.

Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

Dessa forma, é fundamental que todas as atividades possuam objetivos claros para que os alunos também possam compreendê-los e se interessarem em participar do que está sendo proposto. A aplicação do lúdico surge da necessidade de se trabalhar outras possibilidades em sala de aula na disciplina de Geografia, embora o lúdico seja bastante trabalhado em outras etapas de ensino, inseri-lo no contexto da EJA foi um ponto importante para o desenvolvimento da disciplina nos diferentes contextos encontrados durante o percurso da graduação em Geografia da Licencianda nos estágios supervisionados e programas a qual estava inserida de 2016 a 2019.

As atividades foram realizadas em 3 escolas, 2 situadas na cidade de Guarabira e 1 na cidade de Araçagi, diante disso notou-se diferentes circunstâncias no que se refere a características de turmas, perfis de alunos, também foi possível perceber que há turmas mais resistentes há aplicação de atividades que os façam interagir com o conteúdo, nesta modalidade de ensino a forma como o futuro docente age perante as situações de avaliação

faz toda diferença, é preciso inicialmente, para se utilizar o lúdico em sala de aula fazer um diagnóstico da turma, para saber em que momento será possível a aplicação da atividade, torna-se uma tentativa de inserir algo que para eles muitas vezes é novo, em algumas turmas vários alunos não obtiveram anteriormente a experiência de participar de propostas lúdicas e isso desperta o interesse de muitos.

Enquanto futuros docentes propor ações que dinamizem as aulas e ofereçam aos alunos da Educação Básica possibilidades de desenvolvimento e interação com a Disciplina de Geografia é fundamental, pois é neste momento de vivência de estágios supervisionados e programas como o PIBID e a Residência Pedagógica que o graduando em Geografia pode aplicar e aperfeiçoar a sua prática. Diante desse contexto, veremos a seguir, as atividades destacadas no quadro, como elas foram aplicadas e com que finalidade foi abordada nas aulas de Geografia das turmas de EJA nas escolas.

5.1 Dinâmica com Balões

Objetivo: Identificar os conhecimentos dos alunos sobre o meio ambiente e sustentabilidade.

O conteúdo trabalhado nesta atividade foi sobre o Meio ambiente que é um tema que precisa ser discutido em meio às crises ambientais vividas na atualidade trazer a temática para sala de aula é indispensável para se debater sobre os problemas e possíveis soluções nas questões relacionadas ao meio ambiente. A atividade ocorreu nos Ciclos V e VI que corresponde às turmas de 1º e 2º ano do ensino médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), inicialmente foi comunicado às turmas que seria realizada uma dinâmica em sala.

Diante disso, ocorreu uma breve explanação sobre a importância do meio ambiente e entregue uma mensagem de conscientização para cada aluno. Em seguida, os bolsistas dividiram os alunos em grupos de aproximadamente cinco ou seis pessoas, a divisão ocorreu de acordo com o número de alunos presentes em sala no dia da realização da atividade, no quadro foi colocado o placar com a numeração de cada grupo, e um cartaz com o caule desenhado, onde foram colocados os balões cheios formando uma árvore.

As perguntas contidas dentro dos balões eram, por exemplo: O que é coleta seletiva? E quais os benefícios dessa atividade para com o meio ambiente? Cite três exemplos de poluição que você conhece e que faz parte do seu cotidiano. O que você entende por educação ambiental? Posteriormente com os balões já cheios e contendo a numeração de cada pergunta, foi selecionada a ordem para iniciar a dinâmica, o primeiro grupo escolheu uma

numeração para que fosse estourado o balão como podemos conferir na figura 1 e já na figura 2 os alunos dialogando sobre a resposta da questão.

Figura 1: Momento de aplicação da dinâmica com balões.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2016.

Figura 2: Os alunos dialogando sobre a resposta da questão.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2016.

Após o balão estourar como vimos na figura 1, o número que saiu correspondia a uma pergunta que foi respondida pelo grupo, um bolsista leu a pergunta correspondente ao número

para que o grupo respondesse e quando os alunos não sabiam responder, o bolsista poderia passar a pergunta adiante para os outros grupos, depois de respondida as devidas perguntas, a brincadeira continua com o próximo grupo, cada equipe obtinha um determinado tempo para pensar com os colegas sobre qual resposta correta. Podemos observar na figura 2 este momento.

Durante a dinâmica os alunos interagiram com seus grupos, foram aproximadamente 5 grupos para a realização da atividade, depois de estouradas todos os balões, duas equipes foram vencedoras e distribuídos dois prêmios. Esta atividade foi bem aceita pelos alunos onde eles puderam refletir sobre a temática e repensar seus hábitos, como uma forma de conscientização. Por ser um tema muito atual e visto cotidianamente nem sempre nos atentamos para a importância de preservar o meio ambiente, com isto a inserção do lúdico nas aulas de Geografia para trabalhar as questões voltadas para conscientizar, preservar, conservar e repensar as atitudes são fundamentais.

5.2 Mapa mental

Objetivo: Produzir um mapa mental representando o seu local de vivência, fazendo a representação do seu espaço geográfico e destacando os lugares que fazem parte do seu cotidiano.

Após as observações iniciais da turma, notou-se uma dificuldade em compreender o espaço geográfico que era o conteúdo que estava sendo abordado, dessa forma, depois de reforçar a explicação do conteúdo foi proposta aos alunos uma atividade onde eles pudessem representar por meio de um desenho o seu percurso de casa para a escola. A atividade mapa mental foi realizada no ciclo III que corresponde ao 5º e 6º ano do ensino fundamental da modalidade de ensino.

No primeiro momento ocorreu uma sondagem sobre o que os alunos entendiam por espaço geográfico, para que fosse possível identificar o grau de conhecimento dos alunos sobre o tema, dessa forma, os alunos expuseram suas ideias sobre o que seria esse espaço e citaram alguns exemplos como o lugar onde vivemos, mais adiante foi falado sobre o conteúdo com um auxílio de um pequeno texto para que desse suporte ao conteúdo contido no livro didático.

No segundo momento foram feitas análises de imagens contidas no livro sobre a representação do espaço geográfico e a relação com o cotidiano dos alunos. Foi solicitado aos alunos à elaboração de um mapa mental sobre o seu local de vivência, com base nas

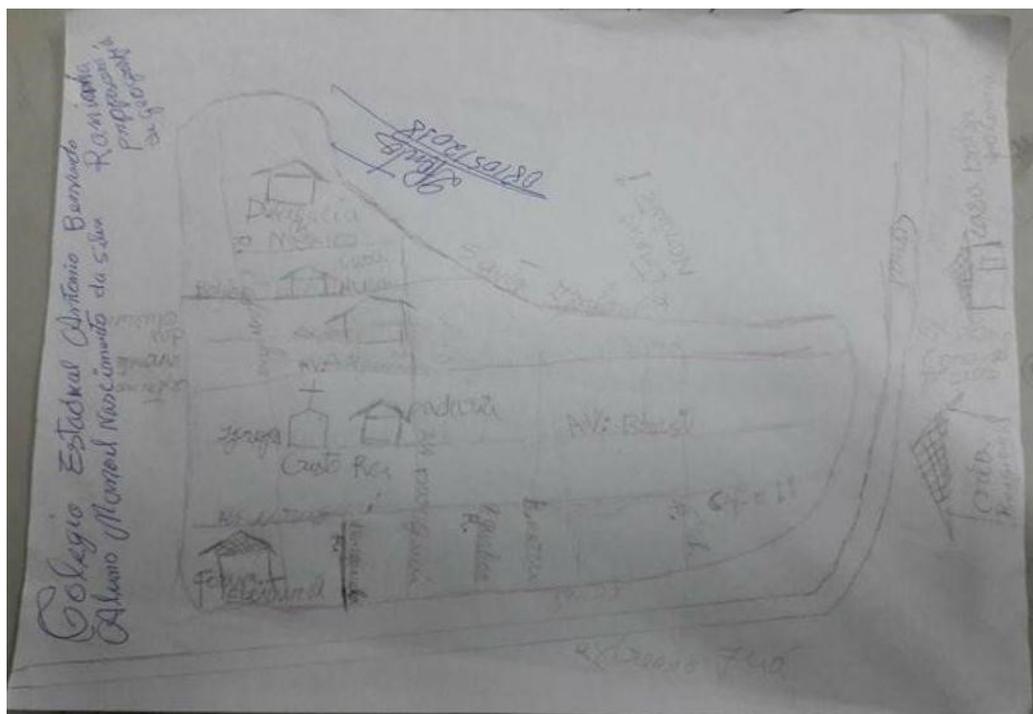
interpretações do que eles haviam compreendido nas aulas de Geografia sobre o assunto. Veremos a seguir na figura 3 e 4 a representação do percurso de casa até a escola dos alunos.

Figura 3: Desenho de mapa mental (Aluna 6º ano, 62 anos.)



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2018.

Figura 4: Desenho de mapa mental (Aluno 6º ano, 48 anos).



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2018.

Na figura 3 e 4 podemos observar o desenho dos alunos a distribuição de ruas, bairros e vegetações. É importante que eles possam correlacionar os conteúdos vistos na disciplina com a realidade deles, cada aluno representou seu espaço colocando no desenho todos os elementos que recordaram do seu trajeto até a escola, dessa forma torna-se mais propício à reflexão dos assuntos abordados, permitindo uma maior ligação entre o que é ensinado no livro didático com seu dia a dia.

5.3 Jogo dos domínios

Objetivo: Verificar a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo, domínios morfoclimáticos do Brasil.

Esta atividade surgiu da necessidade de verificar se os alunos conseguiram compreender a temática abordada e com isto para a revisão do que foi exposto sobre o conteúdo Domínios morfoclimáticos do Brasil, a aplicação foi na turma de 3º ano, onde ocorreu um Jogo de perguntas e respostas com a turma e utilizados um tabuleiro retangular com as perguntas e também números de 1 a 12 com questões de acordo com o conteúdo e dois dados de cores diferentes com os números de 1 a 6. Foi apresentada a proposta da atividade e explicação de regras do jogo para os alunos. Após as devidas explicações a respeito do quiz o jogo foi iniciado como podemos ver na figura 5

Figura 5: Momento da aplicação da atividade, o jogo dos domínios com a turma de 2º ano médio.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2018.

Dessa forma, os alunos foram divididos em dois grupos, cada grupo ficou com uma cor, que foi o grupo vermelho e o azul depois foi marcado no quadro o placar do jogo e decidido qual grupo iniciaria o jogo por meio de sorteio, em seguida foi lançado o dado e o grupo iniciante respondeu a pergunta correspondente ao número lançado pelo dado. Vejamos na figura 6 momento da aplicação da questão para equipe vermelha (à esquerda).

Figura 6: Leitura de uma das questões para a equipe.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2018.

Neste contexto, quando o grupo acertava era pontuado a letra C de correto no quadro e quando houvesse erro era pontuado um I de incorreto. As perguntas eram alternadas por cores, por exemplo a cor vermelha representava as questões 1,3,5,7,9 e 11, e a azul pelas questões 2,4,6,8,10 e 12. Venceu o grupo que obteve mais pontuação, ao final foram corrigidas com os alunos as questões incorretas e aberto espaço para que eles pudessem explicar suas ideias sobre as questões do jogo.

5.4 Jogo da Memória

Objetivo: Apresentar o conteúdo domínios morfoclimáticos do Brasil, desenvolver interpretação, leitura, atenção e interação com os colegas.

A atividade ocorreu na turma de 2º ano, diferente das outras propostas o Jogo da Memória foi elaborado para a explicação do conteúdo, onde em cada par de cartelas haviam conceitos, os tipos de domínios morfoclimáticos trabalhados no livro didático, imagens para que os alunos pudessem distinguir os diferentes domínios apresentados, além das faixas de transição.

Foram utilizadas 24 cartelas que corresponde a 12 pares para a explicação da temática. Foram apresentados para os alunos como funcionaria a atividade, ocorrendo à explicação após a combinação correta de pares como podemos ver na figura 7 as duas cartelas iguais sobre o conteúdo, nas cartelas havia um mapa com a distribuição dos domínios morfoclimáticos do Brasil.

Figura 7: Explicação do conteúdo presente nas cartelas do jogo.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

Os alunos foram convidados a participar do Jogo cada aluno poderia retirar a cartela duas vezes para que pudesse conseguir encontrar o par da cartela retirada, com isto a cada acerto houve a explicação do conteúdo, ou seja, do que estava exposto na cartela. Quando o aluno não conseguia encontrar o par em sua vez, o próximo continuava e assim sucessivamente como podemos ver na figura 8, até que todos os pares fossem expostos e respectivamente sua explicação.

Figura 8: Momento de aplicação do Jogo da Memória.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

Dessa forma, com a utilização do Jogo da Memória foi possível aplicar o conteúdo por meio do jogo, que é muito utilizado como jogos educativos para memorização, porém foi utilizado com o conteúdo da disciplina de Geografia, fazendo uso além do texto, também de imagens para ajudar na assimilação do conteúdo, para que os alunos pudessem fazer a comparação das características dos domínios morfoclimáticos e sua localização.

5.5 Gincana Geográfica

Objetivo: Revisar o conteúdo sobre a Região Nordeste.

A atividade foi realizada na turma de 2º ano, anteriormente foi trabalhado com os alunos o conteúdo sobre a região nordeste, por exemplo, alguns aspectos físicos, culturais e sociais destacando a importância de se trabalhar este tema. Dessa forma, no início da aula foi explicada a proposta da gincana para os alunos, depois foram divididos em dois grupos, onde um grupo era representado pela letra “X” e outro pela letra “O”, para a realização da gincana utilizamos 20 questões e dois tabuleiros de jogo da velha na figura 9 veremos os grupos e

momento de leitura das questões para o grupo “X” (à direita), para que houvesse uma equipe vencedora, cada um teria que completar os nove quadrados, como nota-se na figura 10.

Figura 9: Leitura das questões da Gincana geográfica



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

Figura 10: Equipe X vencedora da Gincana.



Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

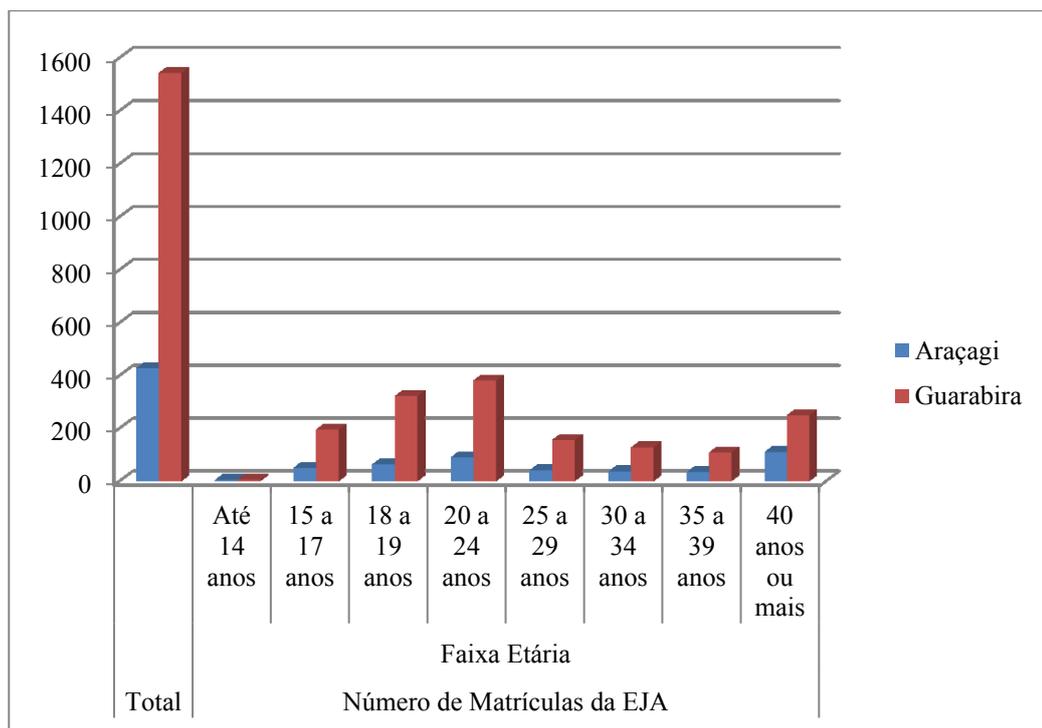
As regras eram as seguintes: o grupo “O” que iniciou a atividade deveria responder as perguntas corretamente caso não soubessem poderia passar a questão e o grupo “X” que poderia optar por responder ou repassar novamente para o “O”. Quando a equipe respondia corretamente a pontuação era colocada no tabuleiro e assim sucessivamente, quando a equipe errava a questão estas eram separadas para a correção ao fim da atividade. Ao final da gincana a equipe vencedora foi a “X” (figura 10) que conseguiu ter uma larga vantagem sobre a equipe “O”. A quantidade de integrantes por grupos foi definida com base na quantidade de alunos presentes em sala. Para os alunos vencedores houve premiação, que foi uma caixa de chocolate. O prêmio só foi mencionado ao fim da atividade. As questões respondidas de maneira incorretas foram corrigidas para que os alunos soubessem qual alternativa estava correta.

6 A EJA COMO LÓCUS DA PESQUISA – GUARABIRA E ARAÇAGI

6.1 Análise de dados da Sinopse Estatística da Educação Básica de 2018 da EJA nas cidades de Guarabira e Araçagi/PB.

Para a melhor compreensão da pesquisa foram levantados dados não somente por região e Brasil como vimos no capítulo 1, houve a necessidade de trabalhar a questão local, ou seja, os municípios onde ocorreu a presente pesquisa. Com base na Sinopse Estatística da Educação Básica de 2018 publicada em 2019, analisaremos alguns dados relevantes para a pesquisa, tanto quanto de discentes como de docentes das cidades de Araçagi/PB e Guarabira/PB esse detalhamento nos mostra como esta a situação atual da Educação de Jovens e Adultos nas cidades citadas anteriormente. Vejamos no gráfico 3 dados fundamentais para a compreensão da faixa etária no que se refere a idade por município.

Gráfico 3: Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por faixa etária, segundo o Município – 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

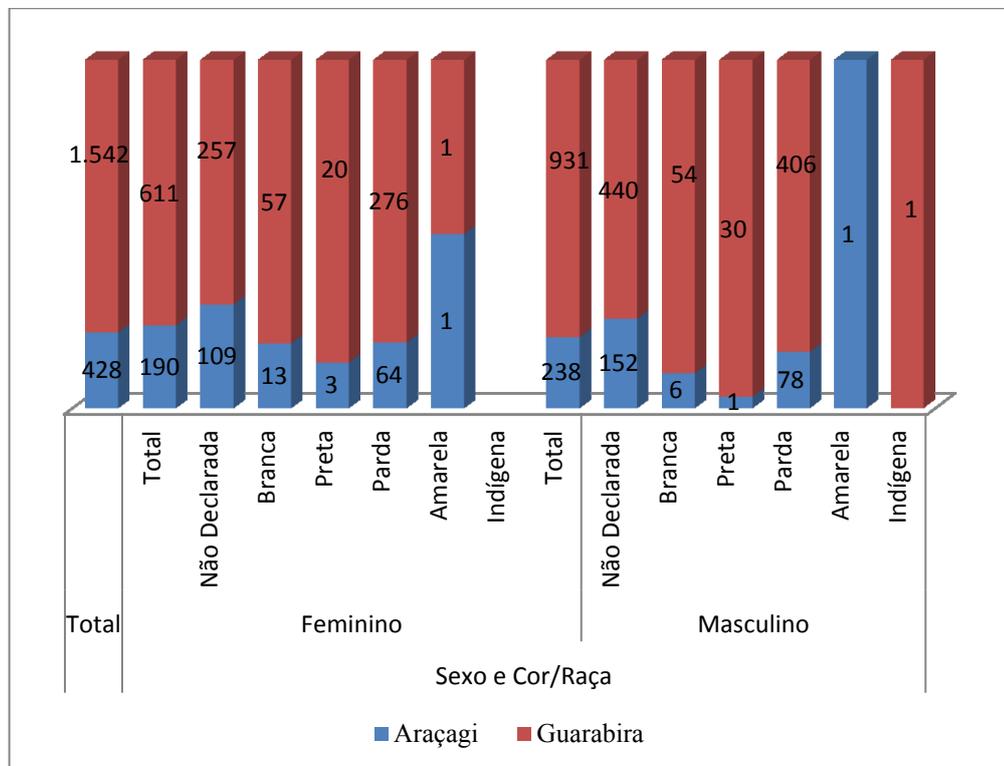
Muitos alunos que trabalham durante o dia e retornam aos estudos procuram na EJA uma oportunidade de conseguir finalizar os estudos no horário noturno, estes alunos possuem

faixas etárias bem distintas variando de 14 a 40 anos ou mais. De acordo com Barbosa; Braga (2018, p. 2):

Percebe-se que com o abandono dos estudos, grande parte das pessoas ao necessitarem retornar aos estudos, serão integrante da EJA, sendo assim de suma importância desenvolver estudos que identifiquem a caracterização da EJA, no intuito de reforçar e legitimar a necessidade contínua de aperfeiçoamento e adequação das metodologias de ensino adequadas à este público específico.

Dessa forma, observa-se no gráfico 3 que esta modalidade de ensino é frequentada por pessoas de faixas etárias bem diferentes, a quantidade de matrículas na cidade de Guarabira é de 1.542 um número expressivo comparado a de Araçagi que possui um total de 428 matrículas, outro fator relevante é que há equilíbrio entre jovens e adultos segundo as faixas etárias dos alunos de Araçagi comparado aos de Guarabira que oscila entre as faixas de 14 anos e 40 ou mais, sejam eles do sexo masculino ou feminino. Quanto a questão do sexo se especifica no gráfico 4 o número de Matrículas da EJA, por Sexo e Cor/Raça, para que se possa compreender as características desse público.

Gráfico 4: Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Sexo e Cor/Raça, segundo o Município – 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Nota-se que o número de homens matriculados é superior ao de mulheres, isso se dá possivelmente pelas dificuldades ainda encontradas pela mulher em seu retorno para o espaço escolar. Para Karaszouski; Barreto (2016, p. 8) “As relações entre homens e mulheres na sociedade se dão de diferentes formas, nos diferentes contextos em que estão inseridos.” Dessa forma, percebe-se que os para o sexo masculino embora eles também encontrem dificuldades para voltar a escola, como a jornada de trabalho, ele ainda vê os estudos como possibilidade de melhorias de vida. No que se refere ao sexo feminino, Karaszouski; Barreto (2016, p. 13) afirmam que

Muitas delas mulheres não tiveram oportunidades de concluir os estudos, ou até mesmo de se profissionalizar, por fatores vários fatores, como a questão econômica em que viviam geralmente das classes mais empobrecidas, que não frequentavam as escolas, pois ajudavam nos afazeres domésticos, e a questão cultural como o casamento que lhes exigia o cuidar da casa e dos filhos.

Observam-se vários fatores que ainda são existentes na atualidade, porém com menos intensidade, o retorno da mulher para a escola na tentativa de se qualificar e buscarem melhores empregos, é uma grande conquista para aquelas que em algum momento da vida interromperam seus estudos e vê na modalidade de ensino, uma nova perspectiva de vida e possibilidades de conseguir finalizar os estudos. Ainda sobre isso, Karaszouski; Barreto (2016, p. 4) apontam que

As mulheres buscam através da EJA a escolarização e a construção de conhecimentos que foram interrompidos em algum momento de suas vidas, acreditando que esse é um caminho importante na efetivação de seus direitos e na construção de sua autonomia feminina.

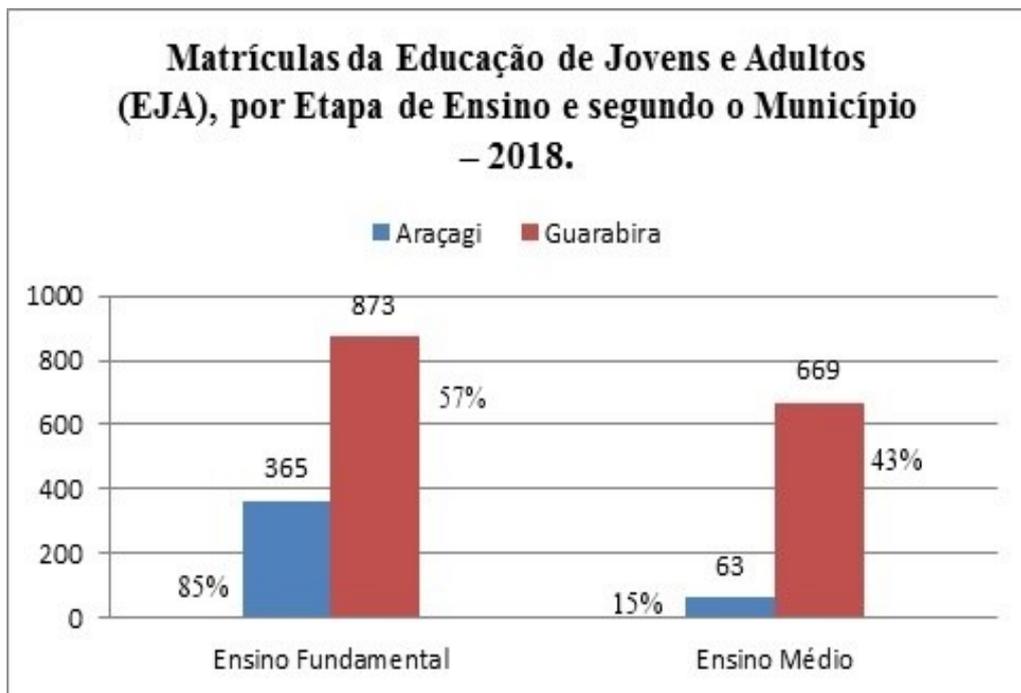
Dessa forma, na construção dessa autonomia como mulher e garantindo com que seus direitos sejam cumpridos, as mulheres buscam nos estudos formas de ampliarem seus conhecimentos, com isto garantir o direito a educação é um dos propósitos de retorno as escolas, buscando melhores condições de ensino e de vida.

Quanto aos dados de raça/cor percebe-se que tanto os homens quanto as mulheres matriculados na EJA da cidade de Guarabira e Araçagi quando se declaram há em sua maioria a declaração de pardos, nota-se também que há um numero expressivo nas duas cidades de não declaração Cor/Raça. Outro fator importante é quanto aos negros, como podemos observar no gráfico 4, apenas 50 pessoas declararam ser negros nas matrículas correspondentes a cidade de Guarabira, quando analisamos Araçagi apenas 4 matrículas.

De modo geral, quando se fala em Cor/Raça supõe-se que muitos não se reconheçam quanto à classificação, possuem preconceito em declarar sua cor ou ainda não se atingiu a

grande parcela excluída como se deveria, embora se tente atingir grande parcela da população para que busque o retorno à escola, nem sempre esses números são tão expressivos. Dessa forma, para que se compreendam melhor as características da EJA nas etapas de ensino, veremos no gráfico 5 alguns dados referentes aos números e porcentagem das matrículas no Ensino Fundamental e Ensino Médio nas cidades de Guarabira e Araçagi/PB.

Gráfico 5: Número de Matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Etapa de Ensino, segundo o Município – 2018.



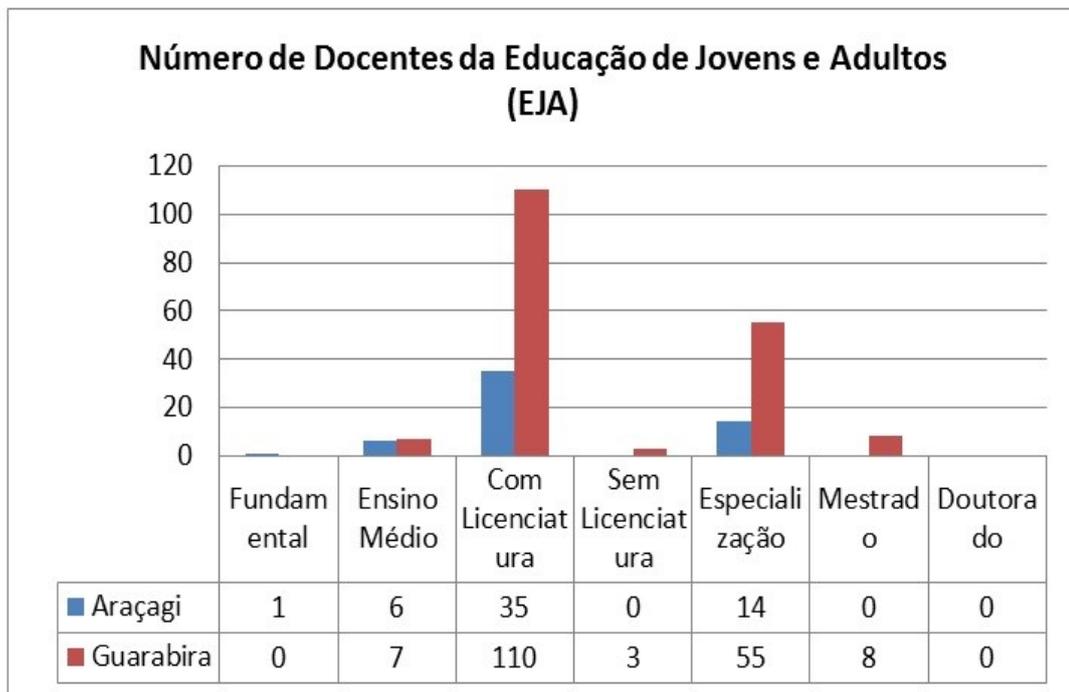
Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Nota-se que tanto em Araçagi quanto em Guarabira as matrículas prevalecem no ensino fundamental, à primeira com 85% e a segunda 57%, já no ensino médio os números diminuem, apenas 15% das matrículas correspondem ao ensino médio em Araçagi e 43% em Guarabira. Por tanto, isto significa que a procura de matrículas no ensino fundamental ainda é maioria, outro fator relevante é que muitas vezes os alunos acabam por desistir de continuar os estudos pela falta de conciliação do tempo entre trabalho e escola.

Por tanto, isto significa que a procura de matrículas no ensino fundamental ainda é maioria, outro fator relevante é que muitas vezes os alunos acabam por desistir de continuar os estudos pela falta de conciliação do tempo entre trabalho e escola. As matrículas no Ensino Médio na cidade de Araçagi são minorias.

Quando analisamos a cidade de Guarabira podemos notar uma pequena diferença entre o nível fundamental e médio. Diante disso, agora analisaremos no gráfico 6 as informações sobre os docentes que atua EJA, veremos os números de docentes, o nível de escolaridade, formação acadêmica, etapa de ensino, sexo e faixa etária.

Gráfico 6: Número de docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por Nível de Escolaridade e Formação Acadêmica, segundo o Município – 2018

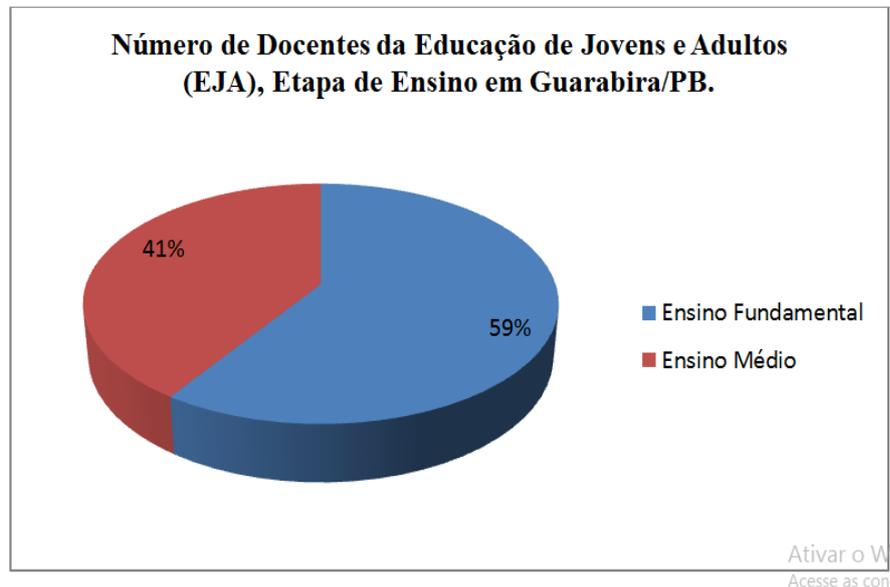


Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Quanto a escolaridade e formação acadêmica na cidade de Araçagi existe um professor com nível fundamental em termos de nível superior notamos que 3 docentes na cidade de Guarabira são de docentes sem licenciatura, os dados nos mostram que 110 docentes de Guarabira possuem apenas licenciatura, já em Araçagi tem-se 35 docentes só com a licenciatura.

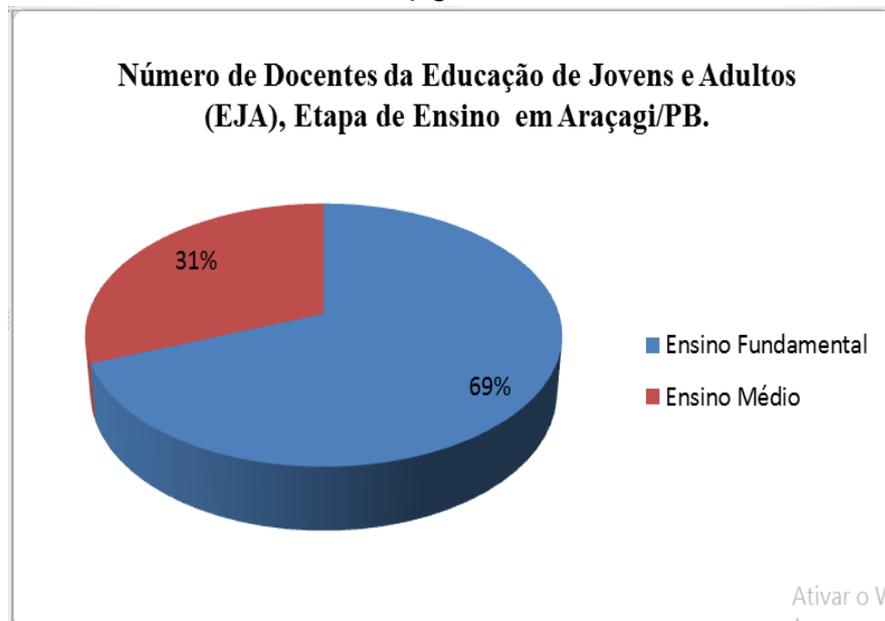
Com relação à pós-graduação nenhum dos docentes possui doutorado, docente esse que atua na educação de jovens e adultos. Com o título de mestrado verificamos que na cidade de Araçagi também não há docentes que atuem na modalidade de ensino, já em Guarabira existem 8 docentes com o título de mestre. Nesse contexto, após analisarmos o grau de escolaridade dos docentes nos gráficos 7 e 8 observam-se a distribuição dos docentes por etapas de ensino nas cidades estudadas na presente pesquisa.

Gráfico 7: Número de docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Etapa de Ensino na Cidade de Guarabira/PB – 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Gráfico 8: Número de docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Etapa de Ensino na Cidade de Araçagi/PB – 2018

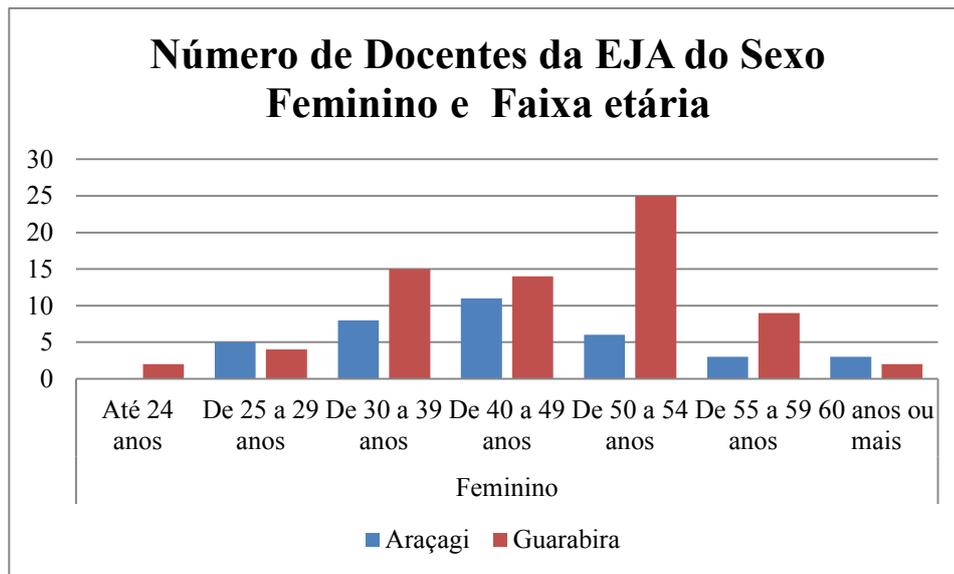


Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Nos gráficos 7 e 8 pode-se analisar a distribuição de docentes nas etapas de ensino fundamental e ensino médio, onde Guarabira aparece com 59% do seu quadro de professores da EJA e Araçagi com 69%, ou seja com 10% a mais de docentes no ensino fundamental, já

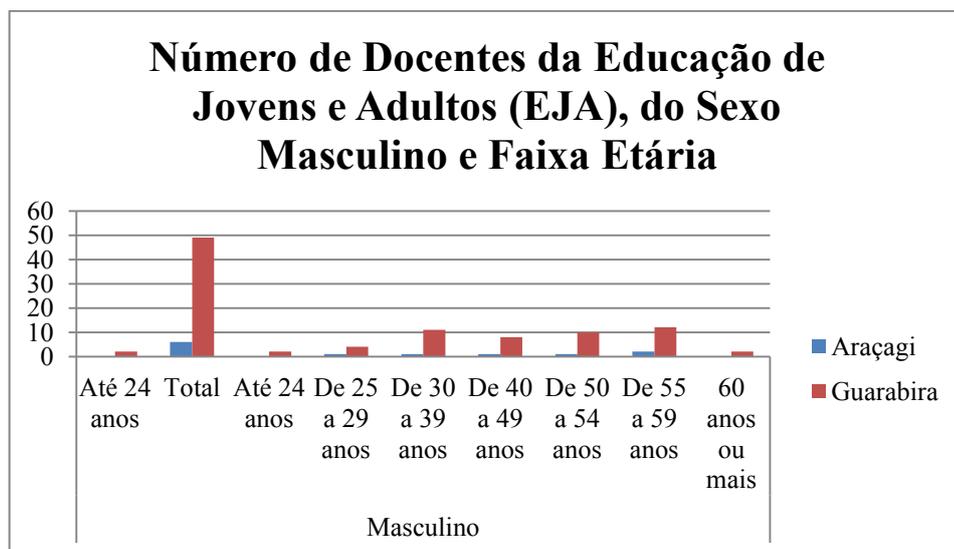
no ensino médio Guarabira aparece com 41% de docentes enquanto Araçagi 31%, ou seja, 10% a menos no quadro de professores. Em comparação ao gráfico 7 que se encontra a distribuição de docentes em Guarabira com o gráfico 8 que mostra a distribuição na cidade de Araçagi, nota-se que as duas possuem mais professores no ensino fundamental. Nesse contexto, destaca-se no gráfico 9 e 10 o número de docentes por Sexo e Faixa Etária.

Gráfico 9: Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Sexo Feminino e sua Faixa Etária, segundo o Município – 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Gráfico 10: Número de Docentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Sexo Masculino e sua Faixa Etária, segundo o Município – 2018



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2019.

Os gráficos 9 e 10 mostram, que no município de Araçagi, o número de professoras é no total de 36 e apenas 6 homens. Neste município a maioria dos professores da EJA tem entre 30 e 49 anos. E existe um equilíbrio na distribuição de docentes do sexo masculino. No caso do município de Guarabira, as professoras são maioria com 71 pessoas, onde a faixa etária predominante é de 40 aos 59 anos. Quanto aos professores há uma distribuição mais equitativa.

Podemos ver a importância de dados como estes para compreensão do cenário da educação de jovens e adultos nas cidades estudadas, a partir desses dados podemos identificar algumas informações precisas como, por exemplo, o nível de escolaridade dos docentes e discentes por município, e principalmente a faixa etária dos mesmos, além da distribuição pelas etapas de ensino. Estas informações coletadas na Sinopse são fundamentais para que possamos refletir sobre as características das EJA obtendo uma visão mais ampla do processo de espacialidade dessa modalidade de ensino.

6.2 Relatos da entrevista e questionário aplicados com Jovens e Adultos da Escola Estadual Rodrigues de Carvalho - Araçagi/PB.

Para que se compreendessem as razões pelas quais os alunos da EJA, deixam ou deixaram a escola e retornam na busca de melhorias de vida. foi realizada uma entrevista com dois alunos, onde eles relatam sobre os principais motivos pelos quais deixaram a escola, as dificuldades encontradas depois de saírem do ambiente escolar e também os motivos para alunos retornarem para a sala de aula, dentre eles: retomar os estudos, adiantar os estudos conseguir diploma, conseguir melhores oportunidades de trabalho, entre outros, ou seja, embora muitos tenham que abandonar a escola outros retorna para tentar se readaptar, concluir seus estudos.

Diante disso veremos a seguir o diálogo desses alunos sobre algumas questões abordadas durante entrevista. A entrevista foi realizada com dois alunos da turma de 2º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos de idades variadas, um aluno mais jovem outro mais adulto podemos notar nas falas dois alunos distintos motivos com que fizeram que eles saíssem da escola por algum motivo mais forte retornarem anos depois nos dois casos podemos identificar a vontade do retorno à escola. No quadro 3 observa-se as perguntas realizadas para os alunos entrevistados, onde pensou-se em abordar as principais questões, com o propósito de analisar as perspectivas desses alunos, suas razões e seus objetivos em relação ao seu retorno em sala de aula, possibilitando uma visão mais concreta da realidade desses educandos.

Quadro 3: Perguntas realizadas na entrevista com os alunos do 2º ano.

Perguntas da entrevista
1. Qual são as dificuldades encontradas ao retornar para sala de aula?
2. Você consegue compreender bem os conteúdos?
3. Quais foram os motivos de você ter saído da escola?
4. Qual é o motivo do seu retorno para vida escolar?
5. Qual o motivo da sua permanência na escola, qual objetivo?
6. Quantos anos você ficou afastado da escola?
7. Você notou alguma diferença de quando você parou de estudar e retornou para a escola?

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A entrevista ocorreu com um aluno de 23 anos e outro de 52, quando perguntados sobre quais foram os motivos de terem abandonado a escola, os dois obtêm respostas distintas, de acordo com o primeiro participante o abandono ocorreu por conta de trabalho: *“Por motivos de trabalho, eu trabalho durante o dia e tive que migrar para a noite, é isso, tipo assim, eu fiquei algum tempo fora e afastado da escola.”* (participante 1, 23 anos, sexo masculino, estudante do ciclo A). Já o participante 2, justificou sua ausência na escola por muitos anos devido a dificuldades no acesso para a escola: *“O motivo na época é que era muito difícil, estava no sítio e aula só tinha na rua então eu morava no sítio e a sala de aula era na rua, muito difícil eu ir, não queria ter ficado afastado da sala de aula”* (participante 2, 52 anos, sexo masculino, estudante do ciclo A). Notam-se dois fatores diferentes do abandono escolar, a fala do participante 1 mostra que, devido a questões de trabalho, não foi possível finalizar seus estudos regularmente, e quando analisamos o participante 2, vemos que a falta de acesso a escola, devido à sua localização à distância o fez parar de frequentar a escola.

Nessa perspectiva, quando perguntados a respeito das dificuldades ao retornar a sala, as respostas também diferem, *“Não encontrei dificuldades”* (participante 1, 23 anos, sexo masculino, estudante do ciclo A), já o segundo relata sobre as dificuldades de voltar para a sala de aula após tantos anos longe da escola, *“Olha veja só, eu cheguei a estudar na época que era MOBREAL,² então muito mal cheguei a estudar, agora faz 6 anos que deu àquela*

² Surgiu no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379, quando o governo militar assumiu o controle da alfabetização de adultos voltando-a para a faixa etária de 15 a 30 anos. Os educadores criticavam os métodos de alfabetização utilizados, dizendo que os mesmos, produziam males; que os alunos voltariam a ser analfabetos e que o governo não queria educar nenhum indivíduo. Beluzo; Toniozzo (2015, p. 201). Fonte: BELUZO, Maira Ferreira; TONIOZZO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro/SP, v. 2, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200716.pdf>> Acesso em: 16 set. 2019.

vontade de estudar e eu tinha muita vergonha de não saber escrever e nem ler e que dificuldade. Então me deu aquela vontade de estudar então voltei à sala de aula, e estou aqui estudando". (participante 2, 52 anos, sexo masculino, estudante do ciclo A). Desse modo, se pararmos para refletir, vários são os fatores que envolvem os alunos da EJA, em diversos aspectos, por isso tem se a necessidade de se dialogar sobre as causas e os contextos que esses alunos estão inseridos, para que se faça uma análise completa da modalidade de ensino e quem são os sujeitos dessa história de lutas e resistências.

Portanto, a forma como se estão sendo aplicados os conteúdos em sala de aula são fundamentais para que a EJA ganhe mais espaço, pois é nas atividades diárias que esses alunos buscam o interesse e continuidade de seus estudos, a seguir veremos o resultado de questões propostas aos alunos por meio de um questionário sobre as atividades lúdicas propostas durante o período do Programa Residência Pedagógica. O questionário aplicado obtinha 10 questões, como por exemplo, perguntas sobre a idade, onde moram, se eles compreendiam os conteúdos da disciplina, a opinião sobre as atividades lúdicas realizadas, e se eles consideram importantes os jogos, dinâmicas, bingo, quiz, realizados nas aulas de Geografia. No quadro 4, observa-se algumas respostas dos alunos quanto a questão sobre a importância das atividades lúdicas nas aulas.

Quadro 4: Respostas dos alunos do 2º ano sobre a realização de atividades lúdicas nas aulas de Geografia.

Respostas dos alunos (2º ano)	Idade
<i>"É importante porque os jogos facilitam em nossa sala de aula."</i>	48 anos
<i>"Além de brincar, a gente aprende."</i>	18 anos
<i>"Nos leva a entender melhor o conteúdo."</i>	42 anos
<i>"Possibilita um estudo extra, um reforço que descontra e nos estimula e nós aprendemos mais."</i>	18 anos
<i>"Acho importante porque aprendi muito com esses jogos e também aperfeiçoei a minha memória."</i>	17 anos

Fonte: Erica Cabral da Silva, 2019.

O lúdico na EJA obteve resultados positivos, ao analisamos as respostas dos alunos a respeito das atividades realizadas em sala de aula, observa-se que elas podem facilitar a aprendizagem nesta modalidade de ensino, fazendo com que os alunos compreendam o assunto de forma prazerosa, tendo em vista a dificuldade que os mesmos possuem devido às especificidades que caracterizam a EJA, pensar em aplicar atividades que proporcionam o aprendizado dos alunos é fundamental para que mesmo retornando a escola novamente depois de determinado tempo afastado, ela possa ser um espaço de acolhimento e aprendizagem levando em consideração todos os aspectos envolvendo a Educação de Jovens e Adultos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nota-se que a pesquisa buscou refletir e discutir sobre a importância de se inserir atividades lúdicas como uma forma de auxiliar no processo de aprendizagem das aulas da disciplina de Geografia na Educação de Jovens e Adultos, levando em consideração as peculiaridades desta modalidade de ensino além de compreender a sua realidade nas escolas campo. Observou-se que a realização dessas atividades como quiz, jogo da memória, gincana, mapa mental, puderam contribuir na assimilação dos conteúdos geográficos nas turmas de ensino fundamental e médio da EJA.

Considerando fatores que são características desse público como algumas limitações que eles possuem pelo fato de terem dificuldades ao retornar a escola, muitas vezes pelo fato de não obterem a faixa etária parecida, de algumas mudanças em sala de aula ao decorrer do tempo, no que se refere ao uso de novos recursos didáticos comparados aos de anos atrás, entre outros fatores, é fundamental que o futuro docente analise essas questões quando se obtiver contato com integrantes desta modalidade de ensino, na busca de compreender os fatores que os cercam e pensar em novas alternativas de melhorias para as aulas de Geografia.

Nesse contexto, se buscou também refletir sobre os Estágios Supervisionados que estão nas grades curriculares dos cursos de graduação das instituições formadoras, que possibilitam o conhecimento e aperfeiçoamento das práticas enquanto futuros docentes obtendo no espaço escolar uma chance de testar novas possibilidades, de se pensar a relação Universidade-Escola, a relação professor-aluno, de compreender o espaço escolar como um todo, observar, colocar em prática novos questionamentos, analisar e propor projetos que contribuam para a melhoria das práticas escolares.

Outro ponto importante da pesquisa são as reflexões a partir da experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e o Programa Residência pedagógica, a imersão dos licenciandos nesses programas são essenciais para a qualificação do futuro professor, as experiências obtidas fazem parte de um progresso no currículo do graduando, a relação que o mesmo cria com a Geografia, escola com os alunos e com os professores supervisores e preceptores são fundamentais no aperfeiçoamento da sua formação. O acompanhamento durante os meses de vigência do PIBID e Residência pedagógica nas turmas de ensino fundamental e médio possibilita ao licenciando uma visão mais detalhada sobre as questões educacionais, pensar por qual caminho seguir, quais metodologias, recursos didáticos utilizarem em sala de aula.

É nesse contexto que se vê a necessidade de buscar planejar aulas de acordo com as realidades encontradas nas escolas, notou-se que durante os períodos de estágios supervisionados, PIBID e Residência Pedagógica a necessidade de se trabalhar atividades que além de contribuir para a assimilação do conteúdo, pudessem também trabalhar outros aspectos como solidariedade, atenção, espírito de equipe, concentração, e o lúdico é capaz de proporcionar essa contribuição nas aulas de Geografia das escolas apresentadas durante a pesquisa. Obviamente que não vemos o lúdico como um facilitador exclusivo para as aulas de Geografia, mas como um meio de facilitar a aprendizagem tendo em vista a realidade encontrada nas séries observadas.

Por fim, enquanto futuros docentes é necessário não desperdiçar as oportunidades que estão ao alcance, e neste caso, podemos citar além das experiências positivas do Estágio Supervisionado, também as enriquecedoras experiências dos programas subsidiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que colabora para que o licenciando obtenha suporte financeiro para a realização de suas atividades. Dessa forma, uma boa qualificação requer esforços e isto só é possível quando obtemos oportunidades para analisar a educação de perto, correlacionando à teoria e prática nas instituições formadoras, mas principalmente no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.; CORSO, A. M.. A Educação de Jovens e Adultos: Aspectos Históricos e Sociais. **Congresso Nacional de Educação - EDUCERE**, 2015, Curitiba.

ALMEIDA, Maria I.; PIMENTA, Selma G. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

ALMEIDA, P. N. **Língua Portuguesa e ludicidade: ensinar brincando não é brincar de ensinar**. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2007

ALBINO, M. S.; MAGANHA, J. G. As contribuições do PIBID ao processo de formação inicial de professores. **Polyphonía**, v. 25/1, jan./ jun. 2014.

ALBRING, Loraine. O ensino da geografia na educação de jovens e adultos: por uma prática diferenciada e interdisciplinar. **CEREJA – Centro de Referências em Educação de Jovens e Adultos**. Biblioteca, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Carlos Roberto Jamil Cury (relator). **Parecer CEB11/2000** - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB1/2000** - Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Alunas e Alunos da EJA: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**, 2006. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ejacaderno.pdf>>. Acesso em 24 de out. de 2019.

_____. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008.

_____. **Portaria 096**, de 18 de julho de 2013. Brasília. Aprova o regulamento do PIBID. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_096_18jul13_AprovaRegulamentoPIBID.pdf>. Acesso em 10. set. 2019

_____. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**. Educação de Jovens e Adultos, 2018. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_pb.pdf>. Acesso: 19. ago. 2019

BARBOSA, M.; BRAGA, E. M.. Caracterização da Educação de Jovens e Adultos (EJA). **V CONEDU - Congresso Nacional de Educação**, 2018, Recife. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Eventos & Editora, 2018.

BARBOSA, M. E. S.; ROCHA, L. B.. Estágio Supervisionado em Geografia: oportunidade de reflexão sobre o espaço escolar. **XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2014, Fortaleza.

BELUZO, Maira Ferreira; TONIOSSO, José Pedro. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro/SP, v. 2, 2015. Disponível em: <<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200716.pdf>> Acesso em: 16 set. 2019.

CALADO, Ednara Félix Nunes; FRANÇA, Gleyson Barbosa de; NASCIMENTO, Rubiana Josefa Silva. O Lúdico na Formação dos Jovens e Adultos. **III CONEDU**, Natal – RN, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAPES, **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em <<https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>> Acesso em: 19 ago. 2019

CARVALHO, A. M. P. **Os estágios nos cursos de licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CARVALHO, Gabriela de Aguiar; SANTOS, Maria José Costa dos. A educação de jovens e adultos e as dificuldades enfrentadas por professores de uma escola pública de Fortaleza. **FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA**, 2014, Rio Grande do Sul, 2014.

CASTILLHO, Marlene de Aparecida, TONUS, Loraci Hofmann. **O lúdico e sua importância na educação de jovens e adultos**. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/view/416/210>> Acesso em 15 out 2019.

CORLETT, Carlos Kleber Sobral; CORLETT, I. E. F. S; OLIVEIRA, I.A; CRUZ, E. S. **A Importância da Formação Continuada para (os) as professores (as) da EJA**. Campina Grande: Editora Realize, 2015.

D'ÁVILA, C. C. M.; LEAL, L. A ludicidade como princípio formativo. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 1, n. 2, p. 41-52, fev. 2013

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. **Políticas públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Atlas, 2012.

DUDZIC, Elisandra Sueli Wionzek. Secretaria da Educação. **A utilização de metodologias lúdicas no processo de ensino aprendizagem de Geografia**. Paraná. 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_unespar-uniaodavitoria_elisandrasueliwionzekdudzic.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

ENRICONE, Délcia. Princípios da Dimensão Pedagógica. **Professor como aprendiz: saberes docentes**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

FALKEMBACH, Gilse A. Morgental et al. **O Lúdico e Os Jogos Educacionais. Novas Tecnologias na Educação**. Porto Alegre, p. 1-8. out. 2012. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/midiasedu/modulo13/etapa1/leituras/arquivos/Leitura_1.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

FRAZÃO, Priscilla da Silva. **Lúdico na EJA: Podemos sim! Concepções e estratégias didáticas.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2018.

GALDINO, Albaneide; GALDINO, Sirleide; BASTOS, Maria de Fátima. A ludicidade como mediação pedagógica no contexto da educação de jovens e adultos na Escola Municipal Marcionílio Rosa – Irecê/Ba. **Revista Discentis**, Iracê, 1ª Edição, p. 14-26, 2012.

GUIMARÃES, R. C.; ROSA, O. Ensinando Geografia de forma lúdica através do mapa em quebra-cabeça. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 15, p. 70-79, 2014.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2018.** [online]. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <<http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>> - Acesso: 20 set. 2019

KARASZOUSKI, Nádia; BARRETO, Marcelo. Secretaria da Educação. **Educação de Jovens e Adultos: transformação do espaço da mulher no mundo do trabalho.** Paraná. 2016.

MIRANDA, Ingrid Campos de Oliveira. **O Desenvolvimento da Aprendizagem Através do Lúdico na Educação de Jovens e Adultos.** Universidade Cândido Mendes Pós-Graduação “LATO SENSU” AVM Faculdade Integrada. Salvador, 2013.

MOTA, Aislânia da silva; OLIVEIRA, B. K. S ; COSTA, F. F. C; ROCHA, J. A. A; REIS, M. A; PAIVA, T. C. Residência Pedagógica: Uma Contribuição para a Formação Inicial de Professores. **VII ENALIC**, Fortaleza, 2018.

NASCIMENTO, Renata Cristina Lacerda Cintra Batista do; MAQUEA, V. L. R.. O Pibid e formação de professores. **Temas & Matizes (Online)**, v. 12, p. 56-73, 2018.

NEGREIROS, F., Silva, C. F.C, Sousa, Y. L. G., & Santos, L. B. Análise psicossocial do fracasso escolar na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Psicologia em Pesquisa**, UFJF, 2017.

OLIVEIRA, Eliene de; RODRIGUES, M. S; Souza, R. S; GUIMARÃES, A. R. **O Lúdico na Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem01pdf/sm01ss04_08.pdf> Acesso em: 12 ago. 2019.

OLIVEIRA, Renata. C. de. **A importância do Brincar na Construção de Conhecimento.** [online]. 2009. Disponível em: <<http://www.profala.com/artpsico72.htm>> Acesso 23 set. 2009.

PAIVA, Jane. Direito à educação de jovens e adultos: concepções e sentidos. **GT 18 EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS.** 2006, Caxambu, MG.

PANUTTI, Máisa Pereira. A Relação Teoria e Prática na Residência Pedagógica. **XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE).** Paraná, 2015.

PERSICH, G. D. . Contribuições do PIBID para a Formação de Professores: um Olhar Sobre uma Oficina com a Temática?Sexualidade?. **Revista Acta Scientiae**, v. 18, p. 566-578, 2016.

PICONEZ, Stella; Bertholo, C. **Educação escolar de jovens e adultos.** Campinas: Papirus, 2002.

PINHEIRO, Igor de Araújo; SANTOS, Valéria de Sousa; RIBEIRO FILHO, Francisco Gomes. BRINCAR DE GEOGRAFIA: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Equador**. 2013.

PIRES, C. M. C. et al: **Por uma proposta curricular para o 2.º segmento na EJA** . Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1e.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2018.

ROSA, P. S. A.; LUTHER, Alessandra. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À LUZ DA PEDAGOGIA ANARQUISTA. **10 Encontro Nacional de prática de ensino em Geografia**, 2009, Porto Alegre - RS. O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares., 2009.

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto 2007.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do Educador**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, Simone Cardoso dos. **A importância do lúdico no processo de ensino e Aprendizagem**. Santa Maria,UFSM, Brasil, 2010.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, Araras, v. 7, n. 1, 2013.

SILVA, J. M. P. A. ; VILLELA, A.M.N . O livro didático na Educação de Jovens e Adultos: ferramenta para certificação ou para um processo de ensino e aprendizagem significativo? **Pesquisas em Discurso Pedagógico**. 2015.

SILVA, Jackson Pinto; SANTOS JÚNIOR, Claudio José dos. O USO DE BRINQUEDOS PEDAGÓGICOS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, 2017.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR**, n. 38, jun. 2010. Campinas. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> Acesso em: 19 out 2019.

VILAR, M. J. L.; HENRIQUES, C. M. T.. As contribuições do PIBID na formação inicial e continuada dos professores e graduandos do curso de geografia. CASTRO, Paula de Almeida. (Org.). **Desafios e perspectivas na profissionalização docente Pibid/UEPB**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

APÊNDICES:

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA

Residência Pedagógica – Residente: Erica Cabral da Silva

Público alvo: Alunos do 2º ano Médio (EJA).

PESQUISA:

1. Qual a sua idade? _____
2. Você mora na zona rural ou urbana? _____
3. Você trabalha?
() sim () não
4. Como você avalia a disciplina de Geografia?
() ruim () boa () ótima
5. Você compreende os conteúdos da disciplina?
() não () mais ou menos () sim
6. Você considera importantes os jogos, dinâmicas, bingo, quiz, nas aulas de Geografia? Por quê?
7. As metodologias utilizadas foram satisfatórias no aprendizado dos conteúdos paisagem, regionalização e cartografia?
8. Como você gostaria que fossem as aulas desta disciplina? Dê sugestões.

() sim () não

9. Cite a atividade lúdica realizada que mais possibilitou a sua aprendizagem.

10. Qual a sua opinião sobre as aulas realizadas pela residente na sua turma, utilizando atividades lúdicas ?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA

Residência Pedagógica – Residente: Erica Cabral da Silva

Público alvo: Alunos do 2º ano Médio (EJA).

ENTREVISTA: ALUNOS DA EJA

- 1. Qual são as dificuldades encontradas ao retornar para sala de aula?**
- 2. Você consegue compreender bem os conteúdos?**
- 3. Quais foram os motivos de você ter saído da escola?**
- 4. Qual é o motivo do seu retorno para vida escolar?**
- 5. Qual o motivo da sua permanência na escola, qual objetivo?**
- 6. Quantos anos você ficou afastado da escola?**
- 7. Você notou alguma diferença de quando você parou de estudar e retornou para a escola?**